

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO
CURSO DE BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

JEFFERSON MAGUETA TREVISAN

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A MUSEOLOGIA SOCIAL:
ESTUDO DE CASO SOBRE O MUSEU COMUNITÁRIO DA LOMBA DO PINHEIRO**

Porto Alegre
2023

JEFFERSON MAGUETA TREVISAN

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A MUSEOLOGIA SOCIAL:
Estudo de Caso sobre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de Grau de Bacharel do Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto

Porto Alegre

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor Prof. Dr. Carlos André Bulhões

Vice-Reitora: Profa. Dra. Patricia Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa. Dra. Ana Maria Moura

Vice-Diretora: Profa.Dra. Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO

Chefe: Prof. Dr. Rene Faustino Gabriel Junior

Chefe-Substituta: Profa. Dra. Caterina GroposoPavão

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA

Coordenadora: Profa. Dra. Márcia Regina Bertotto

Coordenadora-Substituta: Profa. Dra. VanessaBarrozo Teixeira Aquino

CIP - Catalogação na Publicação

Trevisan, Jefferson Magueta
A extensão universitária e a Museologia social:
estudo de caso sobre o Museu Comunitário da Lomba do
Pinheiro / Jefferson Magueta Trevisan. -- 2023.
80 f.
Orientador: Márcia Regina Bertotto.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,
Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Nova Museologia. 2. Museologia social. 3. Museu
Comunitário da Lomba do Pinheiro. 4. Extensão
universitária. I. Bertotto, Márcia Regina, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Campus Saúde, Bairro Santana, Porto Alegre - RS

CEP: 90035-007

Telefone: (51) 3308-5067 E-mail: fabico@ufrgs.br

JEFFERSON MAGUETA TREVISAN

**A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A MUSEOLOGIA SOCIAL:
Estudo de Caso sobre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção de Grau de Bacharel do Curso de Museologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Aprovado pela Banca Examinadora em:

BANCA EXAMINADORA:

.....
Prof^a. Dr^a. Marcia Regina Bertotto (UFRGS)

Orientadora

.....
Prof^a.Dr^a. Ana Celina Figueira da Silva (UFRGS)

.....
Prof^a Me. Marlise Maria Giovanaz (UFRGS)

Se os museus se desenvolvem em sintonia com o desenvolvimento da humanidade, e se a teoria museológica se desenvolve de modo similar, segue-se que a teoria como a prática museológica só podem existir e preservar seu direito a um desenvolvimento futuro se lograrem manter-se em devida relação com o desenvolvimento geral da sociedade.

STRÁNSKÝ

AGRADECIMENTOS

AGRADEÇO primeiro a Deus que torna as coisas possíveis.

À minha professora e orientadora Márcia Regina Bertotto, na orientação e revisão do trabalho sempre disponível e solícita a tudo, por me guiar no percurso dessa pesquisa, acreditar em mim e em minhas ideias, fazendo com que eu também acreditasse, por me conceder a oportunidade de ter acesso a livros e documentos - aos autores dos quais eu também sou grato -, que de outra forma não chegariam a mim.

À professora Ana Celina, sempre tranqüila e muito didática, ajudou-me na produção do projeto de pesquisa.

À minha esposa, Scheila, todas as horas ao meu lado incentivando e fortalecendo a afetividade e o amor que nos une, meus pais, Marta e Juremar que semearam o amor que me guia e a meus filhos Thaís, Thales, Nicolas e David a quem dedico essa conquista.

Aos professores e coordenadores que estiveram comigo durante a aprendizagem na Museologia.

À UFRGS por me acolher e ensinar a ser uma pessoa melhor; colegas e novos amigos pela amizade e parceria na produção de trabalhos acadêmicos.

Às amigas, Cláudia Feijó da Silva Fraga por ter me concedido a entrevista e pelo trabalho reconhecido internacionalmente na área da Museologia e Fátima Flores, coordenadora do IPDAE, formando jovens músicos, da Lomba do Pinheiro, entre eles meu filho David.

Aos meus amigos Abílio e Seno da sala de impressão do Anexo da FABICO e aos demais seres que trilham comigo por esse caminho rico em possibilidades e coisas novas e maravilhosas que é a existência.

A todes, muito obrigado.

RESUMO

Este trabalho consiste num estudo de caso acerca das práticas patrimoniais realizadas pelo Programa de Extensão Universitária Museu Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), juntamente com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, entre os anos 2008/2018. Enfatiza o processo de interação entre o Curso de Museologia da UFRGS e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, referenciado na perspectiva da nova concepção museológica, onde os museus de tipologia comunitária estão empenhados em desenvolver o seu papel social através de ações sócio-educativas inclusivas que tem seu foco nas pessoas – moradores do bairro Lomba do Pinheiro – consideradas como o patrimônio mais importante a ser preservado. Utiliza como referencial teórico os conceitos de Museu Comunitário, Nova Museologia e Museologia Social, demonstrando a ampliação do conceito de Museu que seja inclusivo e diverso, conforme os autores Maria Cristina Bruno, Mario Chagas, Mario Moutinho e Hugues de Varine. Aplica a metodologia de estudo de caso, a partir de revisão bibliográfica e documental e técnicas de entrevista com profissional atuante no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e sua experiência. Finaliza com a compreensão de que as ações implementadas no MCLP em conjunto com o corpo discente e docente da UFRGS tiveram impacto positivo e de inserção da comunidade durante a existência do Projeto de Extensão.

PALAVRAS-CHAVE: Nova Museologia; Museologia social; Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro; Programa de Extensão/UFRGS.

ABSTRACT

This paper consists of a case study about the heritage practices carried out by the University Extension Program Museu Lomba do Pinheiro: Memory, Information and Citizenship, developed by the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) together with the Community Museum of Lomba do Pinheiro, between the years 2008/2018. It emphasizes the process of interaction between the Museology Course at UFRGS and the Community Museum of Lomba do Pinheiro, referenced in the perspective of the new museological conception, where community museums are committed to developing their social role through inclusive socio-educational actions that focus on people - residents of the Lomba do Pinheiro neighborhood -, considered as the most important heritage to be preserved. It uses as theoretical reference the concepts of Community Museum, New Museology and Social Museology, demonstrating the expansion of the concept of an inclusive and diverse Museum, according to the authors Maria Cristina Bruno, Mario Chagas, Mario Moutinho and Hugues de Varine. It applies a case study methodology, based on bibliographic and document review and interview techniques with a professional working at the Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro and his experience. It ends with the understanding that the actions implemented at MCLP together with the students and faculty of UFRGS had a positive impact and community insertion during the existence of the Extension Project.

KEY WORDS: New Museology; Social Museology; Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro; Programa de Extensão/UFRGS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Imagem do prédio do Museu, antigo armazém Vencedor.....	50
Figura 2	Imagem lateral do prédio do Museu, antigo armazém Vencedor.....	50
Figura 3	Imagem da entrevistada Cláudia Feijó da Silva Fraga e o acadêmico do Curso de Museologia Jefferson MaguetaTrevisan ...	54
Figura 4	Roda de Memória realizada no MCLP/MFR	61
Figura 5	Museu de Rua no bairro Lomba do Pinheiro	64
Figura 6	Participantes do Lombatur visitam o bairro	67
Figura 7	Participantes do Lombatur visitam o MCLP/MFR	69

LISTA DE SIGLAS

ICOM	Conselho Internacional de Museus
IPA	Instituto Metodista Porto Alegre
IPDAE	Instituto Popular de Arte e Educação
MCLB	Museu Comunitário Lomba do Pinheiro
MFR	Memória da Família Remião
MINOM	Movimento Internacional pela Nova Museologia
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 MUSEOLOGIA: CONCEITOS E PARADIGMAS	20
2.1 A Nova Museologia e os indícios da Museologia Social.....	22
2.2 Novas Tipologias de Museus.....	27
3 MUSEU COMUNITÁRIO DA LOMBA DO PINHEIRO: SUA HISTÓRIA E A RELAÇÃO COM A MUSEOLOGIA DA UFRGS	37
3.1 Instituto Popular de Arte e Educação (IPDAE).....	39
3.2 A Relação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro com a Museologia Da UFRGS.....	41
3.3 Ações de Educação para o Patrimônio.....	53
3.3.1 Rodas de memória.....	55
3.3.2 Museu de Rua.....	57
3.3.3 Oficinas de Educação para o Patrimônio.....	60
3.3.4 Rota turística comunitária.....	61
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	72
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	75
ANEXO A– FORMULÁRIO PARA AUTORIZAÇÃO DE USO DOS DADOS DA ENTREVISTA	76
ANEXO B–RELATÓRIO AÇÃO DE EXTENSÃO	77
ANEXO C – PATRIMÔNIO INVENTARIADO E ITINERÁRIOS CULTURAIS	81

1 INTRODUÇÃO

Universidades e museus são, de fato, locais de produção crítica do conhecimento que tem como função social transformar a sociedade contemporânea em um espaço mais justo e inclusivo, onde o convívio respeite as alteridades e contribua para o aumento da percepção da consciência das coisas e dos sujeitos que habitam este espaço. Cabe aos museus, selecionar, preservar, conservar, pesquisar e criar ações de difusão que envolvam e provoquem os visitantes. Às universidades cabe o papel de instruir através de práticas educativas e culturais, ensino, pesquisa e extensão. Essa última diz respeito às ações pedagógicas e educacionais realizadas, pela Universidade, em interação com a sociedade como um todo. Significa que a Universidade atua, também, fora do ambiente universitário, em conjunto com instituições e parcelas da população em geral.

Sobre o papel da extensão na Universidade, Sandra de Deus afirma que: “Se compreendermos que a extensão representa os “olhos e ouvidos” da Universidade, passamos para os extensionistas uma grande responsabilidade que se trata da transformação social[...]” (DALLA ZEN, 2016, p.11). Portanto, a Universidade, enquanto instituição a qual se atribui a geração de conhecimento, através de programas de extensão, tem a importante tarefa de interagir com os demais setores da sociedade e “Com isso ela fortalece a formação de profissionais comprometidos com a sociedade, preserva culturas e estará zelando por direitos humanos, compartilhando conhecimento e cumprirá, em parte, com sua missão.” (DALLA ZEN, 2016, p.9).

Os museus, por sua vez, são instituições de memória na qual, reúnem-se os vestígios materiais dispersos e, a partir do estudo desses objetos, se busca entender o perfil das sociedades que os produziram. A evidência material da cultura produzida pelos grupos humanos do presente ou das civilizações extintas, e traduzida através de objetos, artefatos e todo e qualquer vestígio material, é fonte de estudo que procura elucidar os processos de continuidades e mudanças dos fenômenos sociais e das sociedades atuais e do passado. Se, aprendemos a ler palavras, é preciso exercitar o ato de ler objetos, de observar a história que há na materialidade das coisas. Além de interpretar a história através dos livros, é plausível estudá-la por meio de objetos. O estudo da materialidade dos objetos é de crucial importância para elaborar análises na

tentativa de entender os processos sociais e seus desdobramentos ao longo do tempo; e os museus estão entre as principais instituições que guardam esses indicadores da dimensão cultural das sociedades. A Museologia, por sua vez, em sua dinâmica interdisciplinar, tem colaborado para que os museus refinem suas formas de representação e se estabeleçam como lugares de contestação e negociação cultural. De acordo com Davi Minuzzo: “O cotidiano [...] atravessou as portas e entrou nos museus, a partir da Nova Museologia que, desde a década de 1970, vem [...] insistindo no papel dos museus como espaço de desenvolvimento e mudança social.” (DALLA ZEN, 2016, p. 27).

A proposição que se busca afirmar no presente trabalho diz respeito à problematização da relação institucional constituída pela parceria do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro (MCLP), e seu entorno, com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), viabilizada através do Programa de Extensão Universitária Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania (2008-2018).

O interesse pela temática que agora pesquiso, teve início, no ano de 2011, quando cursei o último semestre da graduação em Licenciatura do curso História no Instituto Metodista de Porto Alegre (IPA). Foi naquele ano, que tive o primeiro contato direto com a área da Museologia da UFRGS. Matriculado na disciplina de Estágio III, realizado em instituição cultural, decidi cumprir a carga horária no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro.

Naquele período, a parceria do Museu com a Universidade, através do Programa de extensão universitária já havia completado três anos de vigência. A partir daí, na condição de estagiário do Curso de Licenciatura em História participei diretamente das práticas proativas, participativas e comunitárias, promovidas pelo museu sob a coordenação e orientação de professores e alunos do Curso de Museologia da UFRGS, junto à direção do Museu. Aquele universo novo causou-me certo estranhamento, por se tratar de uma realidade até então desconhecida e, também, pela maneira disciplinada e rigorosa, na qual a equipe interdisciplinar da Universidade em parceria com os agentes do Museu encaminhava as demandas, exigidas nas rotinas do trabalho cotidiano realizado pela instituição de memória. Seja na preparação das práticas educativas patrimoniais, ou no contato com o público (entendido aqui como patrimônio)

ou qualquer outra tarefa ligada às práticas museais, o cumprimento de tais rotinas era sempre executado com um engajamento profundo dos envolvidos no processo, propiciando uma reflexão crítica necessária à organização de uma ação coletiva e transformadora, onde toda a atenção era pouca.

O que presenciei, durante os momentos que compartilhei daquela experiência, foi o encaminhamento de procedimentos inerentes à execução de atividades museológicas, relativas ao desenvolvimento de ações educativas e patrimoniais, que eram realizadas junto a integrantes da comunidade, profissionais do Museu e equipes da Universidade, e que visavam transformar a realidade social dos envolvidos, no que concerne a baixa autoestima, menosprezo e diminuta valorização do sentimento de pertencimento ao território.

Estar no Museu, era como entrar em uma máquina do tempo ficcional, que aparece nos filmes *hollywoodianos*, e que nos transportam para outro tempo e espaço, onde as coisas se tornam estranhas, comparadas a realidade à qual pertencemos. Sentia-me conduzido para um lugar estranho e, ao mesmo tempo, de esperança. As pessoas que ali se encontravam experimentavam, a meu ver, uma realidade alternativa, diferente da realidade do cotidiano, repetitiva e monótona com sua rotina cíclica e sem sentido. Eu experimentei, naquele momento, realizando o estágio no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, um novo sentimento, de estar em um lugar onde as ações e práticas museais eram desafios que se multiplicavam oferecendo múltiplas possibilidades de sentidos, ideias, visões e também de decisões sistemáticas a serem tomadas. Enxergava-me como um ator protagonista e, não mais, como um mero expectador passivo em um filme autobiográfico. Os sentimentos que experimentei foram causados na presença de experiências museológicas, implantadas pela parceria da Universidade com o museu comunitário pertencente a um bairro de periferia da cidade onde nasci, cresci e vivo atualmente.

As práticas museais encaminhadas pela instituição, em conjunto com a universidade, concebidas oportunamente, através do Programa de extensão universitária Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, tinham o objetivo de promover o desenvolvimento e a mudança social e fortalecer o vínculo da comunidade ao seu território. Visando essa meta, os projetos de extensão,

tomaram forma e se materializaram, através, de debates e sugestões encaminhadas em reuniões deliberativas e democráticas, mas, também, de ações educativas baseadas em um novo paradigma museológico, que surge com o movimento museológico internacional denominado Nova Museologia¹. Movimento que foi oficializado em 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, realizado em Québec (Canadá), uma reação, dos integrantes da área da Museologia mundial, aos acontecimentos no contexto sociopolítico, econômico e cultural que, se inaugura após a Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido a Nova Museologia enfatizou a vocação social dos museus e propôs diversas renovações teóricas e metodológicas ao campo museológico estabelecido (SANTOS, 2017). Um universo novo, rico em possibilidades e oportunidades a ser explorado.

Aquelas práticas, estranhas a mim, naquele momento, atualmente, fazem todo o sentido, analisadas pela perspectiva museológica, construída na relação dialógica da qual participo e do conhecimento que foi se constituindo durante minha trajetória como aluno do Curso de Museologia da UFRGS, iniciada, ainda, em 2015. Tal experiência tornou possível perceber com outro olhar, as atividades que presenciei no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro (MCLP) e no Memorial da Família Remião (MFR) no passado, e que, são as motivações que me fazem produzir a presente pesquisa, mas com novo sentido, instrumentalizado, problematizador e provocador, que possibilitam uma reflexão embasada em elementos próprios da área do conhecimento da Museologia.

O presente trabalho faz um apanhado do referencial bibliográfico precursor ao tema da pesquisa, com o objetivo de comprovar a eficácia das ações desenvolvidas no que concerne a alcançar a meta proposta no Programa de extensão Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, de modificar a percepção das pessoas da comunidade com relação a dar a devida importância ao patrimônio composto pela comunidade e seu território. A partir desse enunciado, questiona-se, como podemos avaliar o impacto positivo dessas ações na comunidade. Além disso, vislumbra-se a possibilidade de o Programa, que teve seu encerramento

¹A Nova Museologia enfatizou a vocação social dos museus e propôs diversas renovações teóricas e metodológicas ao campo museológico estabelecido. (SANTOS, 2017).

em 2018, vir a ser retomado no futuro próximo, o que aumenta a importância do tema escolhido para a presente proposição. Tais questionamentos devem ser considerados, para se compreender o impacto causado pelo processo que uniu a Universidade ao Museu durante, e após, sua vigência.

A partir do presente contexto, se busca entender como se deu o processo encaminhado através das ações promovidas pelo Museu em parceria com a Universidade. Todavia, para auxiliar na compreensão do contexto integral, procura-se enriquecer a narrativa, embasando-se em leituras de produções científicas elaboradas tendo como tema o estudo feito posteriormente à vigência do Programa. Aliado a essa metodologia, também, se utiliza do recurso de entrevista em história oral, enriquecendo a pesquisa, no intuito de alcançar, com maior abrangência, os objetivos buscados ao longo do desenvolvimento do trabalho.

Apresentamos como problema de pesquisa, os seguintes questionamentos: As ações desenvolvidas no Projeto de Extensão Universitária do Curso de Museologia da UFRGS contribuíram para o desenvolvimento do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro? Em que medida, podemos avaliar o impacto dessas ações na comunidade a partir dos preceitos da Museologia Social?

Para responder a estas questões temos como **Objetivo Geral**: Analisar o processo de aproximação do Museu Comunitário Lomba do Pinheiro com o curso de Museologia da UFRGS, através da execução do Programa de Extensão Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania. E como **Objetivos Específicos**:

- a) descrever como se deu a aproximação do curso de Museologia com o Museu Comunitário Lomba do Pinheiro;
- b) identificar as atividades realizadas pelo programa de extensão universitária no Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro junto à comunidade ao longo dos anos da duração do programa, identificando permanências e rupturas;
- c) observar a existência de características da Museologia Social nas ações realizadas e nos discursos dos gestores e educadores no que tange às suas práticas de mediação e participação.

A presente investigação tem sua justificativa na medida em que propõe um estudo de caso, que diz respeito, especificamente, à implantação do Programa de Extensão Universitária Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, que, através de intervenções museológicas, apoiadas em projetos e ações educativas patrimoniais, contribui para capacitar sujeitos a transformarem a realidade de seu território visando, assim, ao desenvolvimento e mudança social do bairro, utilizando como parâmetro teórico, metodológico e técnico, os pressupostos da Nova Museologia e da Museologia Social.

Assim, se pressupõe que, a Museologia, com seu aporte teórico, metodológico e técnico, promoveu a participação ativa, de forma crítica e reflexiva, na geração de um novo conhecimento dialógico, que se fez a partir da troca de saberes, mais democrático, inclusivo, coletivo e humano. Portanto, o Programa de Extensão Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, trata-se de relevante experiência de gestão sociocultural, que esteve presente em um bairro da periferia de Porto Alegre, e que, através de projetos e ações de educação para o patrimônio, durante uma década, orientou as atividades que tinham como palco o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e seu entorno. E, deve, ser considerado uma iniciativa museal de referência num universo onde, segundo Bertotto (2007), as políticas para a área cultural, não tem atendido de maneira eficiente à realidade museal brasileira. Atenta-se, também, para o fato de que, depois de quase dois anos fechado, em razão da pandemia de COVID-19, o Museu está reabrindo suas portas e a narrativa pode ser novamente utilizada pela instituição para retomar a meta de interagir e buscar a comunidade dando continuidade à proposta encaminhada dentro da perspectiva da parceria firmada com a UFRGS.

O Referencial Teórico está embasado nos Conceitos de Nova Museologia, da Museologia Social e do Museu Comunitário, a partir dos estudos dos autores Maria Cristina Bruno, Mario Chagas, Mario Moutinho e Hugues de Varine.

Se busca mensurar, tendo como metodologia a revisão da literatura produzida a partir da experiência de extensão, de que forma as ações promovidas pelo Museu em parceria com a Universidade, contribuíram para o desenvolvimento daquela instituição de memória e, em sua relação com a comunidade a qual ela pertence. Nesse sentido, se descreve o processo de consolidação do Programa de Extensão Universitária,

identificando e analisando as atividades implementadas, através de projetos e ações de educação para o patrimônio. Estas ações serviram de instrumentos pedagógicos e estratégicos de aproximação do museu com a comunidade do bairro ao qual ele pertence, com interação contínua visando fortalecer a identidade cultural valorizando, assim, o sentido de pertencimento, como fator de fortalecimento da identidade, de redução da vulnerabilidade social, e aumento da autoestima individual e coletiva da comunidade.

A presente pesquisa então trata de uma revisão bibliográfica, pesquisa e análise documental e uso da técnica de História Oral, a partir do estudo de caso do Programa de Extensão Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania e, a partir daí, procura compreender como e se o referencial teórico e metodológico, da Museologia Social, foi aplicado no que concerne às ideias, procedimentos e práticas utilizados no encaminhamento das atividades realizadas pelo Museu junto à sua comunidade e agentes da Universidade. Nesse sentido, busca analisar, a complexidade da estrutura do referido processo, identificando as práticas museais utilizadas, pela instituição de memória, na realização das atividades por meio de projetos e ações educativas patrimoniais, e, destaca a importância da participação ativa dos setores oriundos da Universidade nas etapas de planejamento e realização dessas práticas museológicas, elaboradas, em conjunto com a equipe do museu, tendo como referencial a tessitura teórico-metodológica embasada em conceitos e princípios da Museologia Social, referenciadas no patrimônio cultural e que contribuíram para a integração do museu com a comunidade buscando atingir a meta de fortalecer os laços de pertencimento e identidade territorial como elementos de valorização individual e coletiva dos indivíduos pertencentes ao bairro. Na constituição da parceria foram propostas, formas de participação coletivas, fomentando o debate e o diálogo nas deliberações necessárias ao encaminhamento das atividades museológicas e de gestão. No dizer de Dalla Zen: “[...] as tradicionais compartimentações do conhecimento em disciplinas isoladas foram substituídas por olhares transdisciplinares e solidários. Isso permitiu a tessitura de reflexões, [...] sem as quais teria sido impossível a atuação da universidade junto ao museu e às pessoas envolvidas.” (DALLA ZEN, 2016, p. 25)

O Programa de extensão em parceria da UFRGS com o MCLP/MFR, instituído entre 2008 e 2018, tem como base teórico-metodológica as ideias de expoentes do campo da Museologia, que irrigaram as teorias museológicas, a partir do movimento que ficou conhecido como Nova Museologia, que surge, no século XX, provocando reflexões sobre o papel e a função do museu na contemporaneidade.

Na seção de introdução é apresentado o interesse pelo tema, os problemas de pesquisa e seus objetivos, bem como o referencial teórico, a justificativa e relevância da pesquisa e a metodologia de estudo de caso, eleita para a confecção da pesquisa.

Considerando que, o desenvolvimento desta pesquisa, teve como base os fundamentos teóricos produzidos a partir das correntes museológicas de viés social que surgem em todo o mundo, em virtude da aceleração histórica que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, na segunda seção abordaremos a Nova Museologia, que provocou questionamentos sobre o papel dos museus, o que levou pesquisadores e estudiosos da área da Museologia a ampliarem o vértice do museu tradicional, calcado no tripé: edifício, coleção, público, propondo uma interpretação pioneira, na qual o edifício, dá lugar ao território, ao invés de coleção, se institui o conceito de patrimônio integral e, o público, por sua vez, é substituído pelo conceito de população (coletividade do território). Tais proposições irrigam a Museologia com suas ideias, teorias, conceitos e paradigmas responsáveis pelo surgimento das novas tipologias de museus contemporâneos como, por exemplo, os ecomuseus, museus de rua, museus de vizinhança, museus comunitários entre outros.

A terceira seção se encarrega de contar, a história do MCLP/MFR, na sua relação com a Museologia da UFRGS, descreve e analisa os projetos e ações implantadas pelo Programa. Nessa seção, é utilizada para a coleta de dados, a técnica da história oral, a partir do relato de entrevista com a ex-diretora do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, a historiadora e museóloga, Cláudia Feijó da Silva Fraga, que, partindo de uma descrição densa, descreve e traz uma análise da trajetória do Programa de extensão universitária Museu Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, desde 2008, até seu desligamento da instituição, que se deu no ano de 2012. Trata-se de uma seção extensa, que, além da história da parceria do museu com

a Universidade, também aborda o papel do Instituto Popular de Arte e Educação (IPDAE), no processo de criação e administração do Museu.

As Considerações Finais fazem um balanço das questões levantadas e retomam os problemas para observar o atingimento dos objetivos, de como se realizou a pesquisa e da importância deste estudo para futuras consultas e ampliação do conhecimento no campo da Museologia.

2 MUSEOLOGIA, CONCEITOS E PARADIGMAS

O trabalho museal, consiste em uma via de mão dupla entre a prática e a teoria que, para ser realizado, exige necessariamente conhecimento dos princípios teóricos e metodológicos e da aplicação de conceitos relacionados ao campo do conhecimento museológico. Por meio de uma revisão teórica de Gomes (2015, p. 24), uma definição possível para Museologia é que se trata de uma ciência aplicada, relativamente nova e em construção, que está intimamente ligada ao estudo dos sistemas da memória e busca entender a relação dos indivíduos com o espaço a partir dos museus, como agente de produção do conhecimento e instituição guardiã do patrimônio material e imaterial como fonte de estudo da realidade social e da transformação dela. Maria Cristina Bruno (2002), destaca que, em sua dinâmica, ela estabelece ligações cognitivas e afetivas entre as referências patrimoniais e os diferentes segmentos da sociedade contemporânea, colaborando, assim, para que os museus refinem suas formas de representação e se estabeleçam como lugares de contestação e negociação cultural. No caso da Museologia, é preciso que conheçamos os diversos processos relacionados à constituição desse conhecimento, dentro e fora dos museus, ressaltando que é uma disciplina aplicada da área das ciências da comunicação, onde a dinâmica dos acontecimentos está em pleno desenvolvimento.

Por se tratar de “representações mentais” (CHAGAS, 1996, p.21), os conceitos têm importância fundamental em uma construção teórica. Não são estáticos e definitivos, por isso torna-se necessária uma abordagem que dê conta das transformações, evidenciando a dinamicidade e reformas que as construções teóricas “tendem a sofrer [...] ao longo do tempo. (SANTOS, 2017, p.40)

A consideração de que, os museus têm passado por profundas transformações, tem sido o tema central de grande parte da produção intelectual contemporânea. Nesse sentido, há de se fazer uma reflexão analítica com relação aos museus tradicionais em comparação aos museus comunitários, que surgem a partir do conceito de museu integral, que apresenta uma vocação de museu diferente do museu tradicional de até então. No século XX, a contextualização e o desenvolvimento do campo museológico internacional, passou por breves recuos – em decorrência de resistências ao “novo” – mas por outro lado, também avançou no que concerne às transformações nas práticas

museológicas e na museologia de base comunitária. Isto se deu, a partir de atividades museológicas organizadas por instituições internacionais, como o Conselho Internacional de Museus (ICOM)², órgãos governamentais e privados, e por trabalhadores de referência no campo museológico.

No Brasil, esse desenvolvimento da Museologia, teve reflexos nas ações, questionamentos, discussões e problemáticas, presentes nos encontros e eventos internacionais, entretanto, por aqui, o viés comunitário intrínseco às novas práticas museológicas, enfrentou dificuldades geradas pelos sistemas autoritários e paternalistas, implantados na América Latina. Para se ter uma ideia do contexto brasileiro em relação à efervescência no âmbito das novas práticas museológicas, conforme SANTOS, “somente na década de 1980 os profissionais do Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA), tiveram acesso à Declaração de Santiago do Chile.” (SANTOS, Maria C. *apud* SANTOS, 2017, p. 26). Todavia, após a década de 1980, com a redemocratização do país, diversas iniciativas museológicas influenciadas pelas novas tipologias de museus e também pelos pressupostos da Nova Museologia vêm se desenvolvendo no contexto brasileiro, inicialmente de forma tímida e, de forma exemplar, a partir da primeira década do século XXI.

Com relação à Museologia, Bruno (2002) apresenta, a partir de uma revisão teórica que o interesse desta área do conhecimento está voltado para investigações da relação do Homem com a sua realidade. Entretanto, por se tratar de um tema demasiadamente amplo, foi necessário limitar esse estudo para a relação do Homem com o seu universo patrimonial, ou seja: um recorte da realidade, um enquadramento seletivo da memória e um percurso preservacionista. Mais que formalidade, essa delimitação orienta a razão de ser da Museologia e indica, ao mesmo tempo, o seu universo de problematização científica. Nas últimas décadas, as discussões na área da Museologia, como disciplina aplicada do campo do conhecimento científico e interdisciplinar da contemporaneidade,

[...] passam por todas as questões inerentes às mudanças que envolvem a globalização; tangenciam os problemas pertinentes à memória que tem sido construída pelos museus, no que diz respeito à ocupação, apropriação e

²O Conselho Internacional de Museus (ICOM), organização não governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

transformação dos territórios; e procuram entender as inevitáveis mudanças oriundas do uso de novas tecnologias. Acima de tudo, a Museologia tem priorizado as análises sobre o lugar dos museus e dos processos museológicos nessa conjuntura, atenta às diferentes características das distintas regiões e dos vetores patrimoniais. (BRUNO, 2002, p.89).

No âmbito da Museologia, o campo da Museologia Social³ é uma área muito próxima da extensão universitária, ambas têm seu foco nas pessoas, consideradas como o patrimônio mais importante a ser preservado. Encontrar alternativas relacionais é parte da missão e do propósito da Museologia como disciplina das ciências humanas, ou seja, perseguir opções que ajudem a encontrar caminhos que levem a continuidade do planeta e de toda a vida que nele habita, de maneira harmoniosa e respeitosa é encargo da Museologia Social.

2.1 A Nova Museologia e os indícios da Museologia Social

Os acontecimentos e processos de transformação e dinâmica cultural e social mantêm estreita relação ao contexto histórico e às mudanças nos quais eles acontecem. No final da década de 1960, a efervescência cultural após a Segunda Guerra Mundial culminou na atitude de contestação global de valores.

Em maio de 1968, na França, setores da sociedade europeia descontentes com as ideias dominantes, promovem protestos que se alastram para outros continentes, liderados por setores intelectualizados (COELHO, 1997). A partir desses fenômenos de contestação ao modelo sociocultural europeu, muitas instituições foram questionadas surgindo, em Paris, um grupo de profissionais que criticavam a passividade e as posições burguesas do museu tradicional, que envolviam seus aspectos espaciais de templo, palácio, mausoléu e a concepção da coleção como tesouro das elites, em desacordo com a consciência do valor social da cultura e a necessidade de democratização desta última (COELHO, 1997).

Considerando os debates e recomendações que surgiam em nível internacional, a Mesa Redonda de Santiago do Chile, importante evento ocorrido em 1972, organizado pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), foi um dos acontecimentos

³Museologia Social, é aquela que volta seu olhar à valorização do homem enquanto sujeito de sua própria vida, crítico e consciente de sua realidade, assunto que abordaremos no próximo sub-capítulo.

do mundo dos museus que produziram diálogos e passaram a ser considerados como marcos de influência na formação de um pensamento museológico e de muitas práticas museais, inclusive, brasileiras e que contribuíram para uma (re) significação da Museologia.

Dentre os temas abordados, tratou-se, também, sobre qual papel que o objeto no museu teria para colaborar com as comunidades na solução de seus problemas. (DALLA ZEN, 2016).

Essas críticas direcionadas aos museus e à Museologia, resultantes da onda de renovação dos ideais da sociedade europeia, deram base para o surgimento de um movimento museológico internacional denominado Nova Museologia, oficializado em 1984 no I Atelier Internacional Ecomuseus/Nova Museologia, realizado em Quebec, Canadá (SANTOS, 2017). A Declaração de Quebec de 1984, ligada ao Movimento da Nova Museologia (MINOM), recomenda à Museologia estender suas atribuições e funções tradicionais de identificação, de conservação e de educação a práticas mais vastas que estes objetivos, para melhor inserir sua ação a todos os meios de desenvolvimento ligados ao meio humano e físico. Mário Moutinho considera a Nova Museologia um “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (MOUTINHO, 2007, p.1), enquanto Márcia Bertotto e Walmir Pereira observam ainda quanto à Nova Museologia que: “[...] utilizando-se da interdisciplinaridade, de métodos contemporâneos de comunicação comuns ao conjunto da ação cultural e dos meios de gestão moderna que integram os seus usuários.” (BERTOTTO; PEREIRA, 2013, p. 179). Portanto, é um movimento de sentido múltiplo, que deseja manifestar-se de uma forma global, e que tem preocupações de ordem científica, cultural, social e econômica.

Ainda que, desde a década de 1970, tenham ocorrido experiências novas, é na década de 1990, que os museus brasileiros mais clássicos virão a incorporar as mudanças propostas pelos adeptos da Nova Museologia, mas de acordo com Camila Moura (SOUZA, 2017), isso não representava “a adesão ao caráter político e ético proposto pela museologia social”. (SANTOS, 2017, p. 83).

No ano de 1993, em Lisboa, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), foi criado o Centro de Estudos de Sociomuseologia, que deu

origem aos “Cadernos de Sociomuseologia”. Tal publicação visava apoiar a formação em Museologia que então se iniciava e, por meio da produção de trabalhos escritos, contribuiu para a reflexão e para a consolidação da Museologia enquanto Ciência Social, tendo a Sociomuseologia como fio condutor. Em seu primeiro artigo da primeira edição, o museólogo português Mário Moutinho, aborda um conceito de Museologia Social que, conforme o museólogo, traduz o “esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea” (MOUTINHO *apud*, SANTOS, 2017, p. 83). Segundo o autor:

A Sociomuseologia traduz uma parte considerável do esforço de adequação das estruturas museológicas aos condicionalismos da sociedade contemporânea. A abertura do museu ao meio e a sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida, tem provocado a necessidade de elaborar e esclarecer relações, noções e conceitos que podem dar conta deste processo. A Sociomuseologia constitui-se, assim, como uma área disciplinar de ensino, investigação e atuação que privilegia a articulação da museologia, em particular, com as áreas do conhecimento das Ciências Humanas, dos Estudos do Desenvolvimento, da Ciência de Serviços e do Planejamento do Território. A abordagem multidisciplinar da Sociomuseologia visa consolidar o reconhecimento da museologia como recurso para o desenvolvimento sustentável da humanidade, assentada na igualdade de oportunidades e na inclusão social e econômica. A Sociomuseologia assenta a sua intervenção social no patrimônio cultural e natural, tangível e intangível da humanidade. O que caracteriza a Sociomuseologia não é propriamente a natureza dos seus pressupostos e dos seus objetivos, como acontece em outras áreas do conhecimento, mas a interdisciplinaridade com que apela a áreas do conhecimento perfeitamente consolidadas e as relaciona com a Museologia propriamente dita. (MOUTINHO, 2014, p.423).

Todavia, o reconhecimento de movimentos museológicos com viés social não significa necessariamente diminuir a importância do objeto como indício de traços culturais interpretados no contexto do museu, mas sim de modificações na percepção da realidade material na qual existimos e da relação dessa materialidade conosco que constitui, conforme Guarnieri (Chagas, 2002), o fato museal⁴. A conceituação de bem cultural e de patrimônio cultural, não pode ser descrito apenas como um conjunto de bens culturais. Assim também o patrimônio cultural se constitui a partir da atribuição de valores, funções e significados aos elementos que o compõem.

⁴ Na definição de Waldisa Rússio, o fato museal ou fato museológico consiste na relação profunda entre o homem – sujeito conhecedor – e o objeto, parte da realidade sobre a qual o homem igualmente atua e pode agir. Essa relação comporta vários níveis de consciência, e o homem pode apreender o objeto por intermédio de seus sentidos: visão, audição, tato, etc. Essa relação supõe, em primeiro lugar e etimologicamente falando, que o homem, “admira o objeto”. Guarnieri *apud* (GOMES, 2013, p. 25).

[...]O reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um dado, mas uma construção que resulta de um processo de atribuição de significados e sentidos, permite avançar em direção à sua dimensão política, econômica e social; permite compreendê-lo como espaço de disputa e luta, como campo discursivo sujeito aos mais diferentes usos e submetido aos mais diferentes interesses. (CHAGAS, 2002, p.18).

Essa corrente museológica, crítica aos museus tradicionais, vai propor mudanças radicais na existência e nos pressupostos antigos. Uma delas é a missão do museu como instrumento transformador da sociedade, num novo modelo onde o museu se (re)significa em sua relação com o público, que deixa de ser restrito a uma classe dominante e passa a estar a serviço de toda a sociedade.

Em relação aos museus e a Nova Museologia, Bertotto (2007) entende que:

O fato cultural museu, que reflete a identidade local, demonstra que a instituição que resguarda a memória regional tem o papel de construção da cidadania, entendido aqui como o reconhecimento da comunidade nos museus nacionais e regionais, levando em conta os preceitos da Nova Museologia, de que o museu seja feito com a comunidade e não para esta. (BERTOTTO, 2007, p.6).

Resultante desse movimento social revolucionário, o conceito de Nova Museologia passa a fazer parte dos debates promovidos por museus do mundo todo, propondo uma Museologia voltada para o social, diferentemente do modelo tradicional e elitista que até então dominava as discussões entre os diretores de museus de modo geral.

É importante destacar que, antes do surgimento do conceito de Nova Museologia, por muito tempo, os museus não tinham caráter público, eram espaços destinados a acervos constituídos por coleções particulares, cujos donos, em geral, eram membros provenientes da classe dominante e, que, tinham como objetivo, muitas vezes, demonstrar poder ou status social.

Desde a década de 1970 do século XX, a Nova Museologia, vem, de modo provocativo e dialético, insistindo no papel dos museus como espaço de desenvolvimento e mudança social. Desse modo, os museus, deixaram de ser templo das musas para se tornarem fóruns da sociedade (CHAGAS, 2008 *apud* DALLA ZEN, 2016), com destaque particular dos museus comunitários.

Foi no século XX que surgiu o conceito de Museu Comunitário, a partir das discussões sobre a missão dos museus e o desenvolvimento das teorias museológicas. Na segunda metade do século XX, com o advento da Nova Museologia, alguns pensadores, entre eles Zbynek Stransky, propuseram uma transformação do ternário, “Homem, objeto e museu” - onde há a representação do homem através de um objeto situado num cenário, o museu -, para outro ternário surgido a partir de novas demandas sendo constituído por “sociedade, patrimônio e território” dando um sentido mais amplo e buscando estreitar relações com o público (CURY, 2014).

Portanto, o conceito de Museu Comunitário se imbrica com o conceito de Nova Museologia e de Museologia Social, ao associar-se a eles na construção de paradigmas novos do campo da teoria museológica com o objetivo de acompanhar mudanças e transformações sociais ocorridas ao longo do último século de modo a oportunizar setores da sociedade, representação e participação no contexto social maior.

O princípio básico e gerador das ações museais é preservacionista, mas o que está sendo preservado, conservado e exposto tem como objetivo educar e sensibilizar as sociedades para a importância das ações preservacionistas e dos processos interpretativos relacionados às ações educativas elaboradas a partir dos objetos e artefatos musealizados. Esses processos aproximam, de forma singular, os objetos interpretados de olhares interpretantes, e os museus, dessa forma, têm potencialidade de transformar os objetos testemunhos em objetos diálogos. A Museologia, por sua vez, é a disciplina responsável pela ordem metodológica no âmbito do museu e, também por definir os parâmetros e diretrizes seguidos por essas instituições. Cabe à Museologia, administrar, conservar a informação contida nos objetos e, por meio deles, elaborar os discursos e estratégias pedagógicas. Nesse sentido Cristina Bruno (2002), elaborou parâmetros inerentes ao estudo da Museologia, contribuindo para a constituição de processos preservacionistas, vocacionados para a educação patrimonial em seu campo de ação e reflexão e que dão apoio a construção epistemológica e norteiam as suas funções sociais. Com relação à vocação pedagógica dos museus, Bruno (2002), afirma que a Museologia, em sua dinâmica interdisciplinar, tem colaborado para que os

museus refinem as suas formas de representação e se estabeleçam como lugares de contestação e negociação cultural.

A Museologia, também, cumpre o papel de estabelecer ligações cognitivas e afetivas entre as referências patrimoniais e os diferentes segmentos da sociedade. É consenso entre diversos especialistas que o interesse principal dessa área de conhecimento é o estudo da relação do Homem com a realidade. Entretanto, delimitou-se esse estudo para a relação do Homem com seu universo patrimonial, ou seja: um recorte da realidade, enquadrando aspectos seletivos da memória e do percurso preservacionista que orienta a razão de ser da Museologia e indica o seu universo de problematização científica. Portanto, ela é considerada uma disciplina científica distinta, cujo objeto de conhecimento é uma reflexão do Homem com a realidade, representada pelo recorte das referências patrimoniais, seletivas e documentadas, e que, tem como função contribuir com a compreensão das sociedades e seus processos.

Embora assumindo muitas formas, do colecionismo aos museus, destes aos ecomuseus, é possível constatar a continuidade do mesmo fenômeno; o homem elege facetas (materiais e imateriais) do seu universo de vida, preserva-as para perpetuá-las. Essa atitude humana que dá origem às coleções e tem nos museus os grandes herdeiros institucionais é a razão de ser da Museologia.

2.2 Novas Tipologias de Museus

Somos seres corporais, dependemos da materialidade do mundo para nossa vida e reprodução como entes biológicos, psíquicos, sociais, intelectuais, morais. Porém, a tal ponto naturalizamos esse universo material, que dele temos pouquíssima ou nenhuma consciência. Por isso a importância do papel dos museus em nossa sociedade, por ser o lugar onde tal consciência possa ocorrer e se aprofundar. É no museu que os objetos naturais, artefatos de naturezas variadas, estruturas complexas ou esculturas, instalações e imagens visuais têm o que dizer para estender o espaço de compreensão da condição humana. A especificidade do museu lhe dá personalidade, garantindo-lhe eficácia no enfrentamento do universo das coisas materiais. Os museus são locais de encontro com o conhecimento através da exploração da cultura material

representada por objetos materiais, e, também, do Patrimônio Cultural, aqui representado pelas pessoas (e suas ações), atividades, construções, artefatos, e do Patrimônio Natural, representado pelo território e suas paisagens naturais.

O primeiro modo de representação do mundo dos museus está relacionado aos gabinetes de curiosidades da Europa renascentista que exibiam objetos estranhos e exóticos, coletados nas primeiras explorações comerciais e científicas e tinham o objetivo de deslumbrar as pessoas diante das variedades e formas imaginárias da natureza e das chamadas culturas exóticas.

Os museus do passado, sobretudo no século XIX, se encarregavam de coletar, guardar, estudar, exibir e expor objetos da elite e espécies do mundo animal, vegetal e mineral, ou ainda imagens e obras de arte de expoentes do estilo Clássico e do Barroco. "Era o auge da ciência moderna, e seu ímpeto era enquadrar o existente em determinadas categorias, assinalando o domínio da classificação enciclopédica" (RAMOS, 2004, p.19).

No século XIX, as coleções dos museus europeus foram incrementadas pelos objetos coletados nas expedições colonizadoras, dando origem a muitas coleções particulares dos gabinetes de curiosidades. De acordo com Jacomy (*apud*, SANTOS, 2017, p.138), a convergência dos gabinetes de curiosidades e de história natural foi a "semente para o moderno museu das técnicas", cuja vocação tripla "experimentação, formação e recreação/representação", será reproduzida "na maioria dos museus fundados no século XIX". Sobre essa questão Souza (2017), afirma que:

No entanto, ao mesmo tempo em que as coleções de elementos da história natural (espécimes vegetais e animais) eram pesquisadas, classificadas, inventariadas, publicadas em catálogos, expostas etc., os pesquisadores passaram a mesma lógica de classificação para os artefatos e para as próprias populações das colônias, com base em uma ordem hierárquica e sob forte influência de uma ciência nada neutra, que distorce os estudos naturalistas no intuito de justificar a superioridade dos europeus em relação a outras populações e sua cultura material. (SOUZA, 2017, p.138)

Antes do surgimento do conceito de Nova Museologia, por muito tempo, os museus não tinham caráter público, eram espaços destinados a acervos constituídos por coleções particulares, cujos donos, em geral, eram membros provenientes da classe dominante e que tinham como objetivo, muitas vezes, demonstrar poder ou status social. Além disso, esses espaços culturais ainda não haviam despertado para

sua potencialidade como agentes promotores de educação. E centravam seu esforço exclusivamente para serem locais de visibilidade da estética em suas formas.

Nesse sentido, os museus europeus do século XIX, cumpriam o papel de justificar a dominação europeia sobre outros continentes e a apresentação dos objetos seguia, unicamente, princípios decorativos de padrão e simetria, sem se preocupar com questões educativas. Essa forma de exibição decorativa das coleções aristocráticas foi sendo substituída por apresentações organizadas com propósitos educacionais a partir da difusão do Iluminismo do século XVIII. É desse período que os objetos e obras de arte de coleções principescas passaram a ser exibidas de uma maneira racional, usando os conceitos de escola nacional e cronologia.

A partir da segunda metade do século XX, há uma mudança de paradigma, que domina as atenções das instituições de memória voltadas ao patrimônio que, influenciadas pelo contexto do pós-guerra, trazem para o debate no campo da museologia, reflexões sobre a dinâmica das sociedades contemporâneas e da urgência dos museus em tornarem-se, fóruns permanente de diálogo e debates sobre a realidade social. Nesse contexto, os debates sobre o papel educativo do museu se afastam do modelo tradicional no qual a narrativa museal centra seu discurso na celebração de personagens ou a classificação enciclopédica da natureza, sem utilizar da reflexão crítica em seus argumentos e considerações. Essa abordagem, cuja análise limita-se a contemplação e no estudo dos objetos materiais, como inseridos em uma suposta neutralidade científica, dá lugar a uma interpretação mais abrangente do papel do museu na relação entre o objeto e o homem.

A Nova Museologia surge, então, como novo paradigma museológico, surfando na onda de renovação dos ideais ideológicos da sociedade no final da década de 1960, que teve como palco o continente europeu. Naquele período histórico do capitalismo setores da sociedade europeia descontentes com as ideias dominantes, promovem protestos que se alastram para outros continentes, liderados por setores intelectualizados. Resultante desse movimento social revolucionário, no campo dos museus, origina-se o conceito de Nova Museologia, que passa a fazer parte dos debates promovidos por museus do mundo todo, propondo uma museologia voltada

para o social, diferentemente do modelo tradicional e elitista que até então dominava as discussões entre os diretores de museus de modo geral.

Quando se fala em classificar museus, é preciso considerar a importância do Conselho Internacional de Museus (ICOM), no que concerne ao surgimento de tipologias de museus que surgem na contemporaneidade. Tal diversidade de modelos, discriminados, surgem ao longo do tempo, mas principalmente a partir da segunda metade do século XX, com a criação do ICOM, por uma iniciativa de diretores de museus europeus que buscavam fortalecer a relação dessas instituições com o meio em que atuavam.

Nesse contexto, Hugues de Varine, foi o primeiro diretor do ICOM e, foi quem percebeu a urgência dos museus em acompanhar, em sintonia, as mudanças de um mundo em ebulição, enfatizando as questões sociais que efervesciam. Numa dinâmica acelerada de transformação da sociedade capitalista globalizada, Hugues de Varine vislumbrou a necessidade dos museus de serem atores sociais e palco para debates, simpósios e encontros de profissionais atentos às mudanças que surgiam. A partir disso foram promovidas, pelo ICOM, reuniões que propiciaram reflexões importantes quanto ao papel dos museus naquele momento histórico.

No século XX, após o período da Segunda Guerra Mundial, surgiram mudanças no contexto social, político, econômico e cultural, em nível global, que provocaram, tanto nos países desenvolvidos - como nos ditos em vias de desenvolvimento -, reações espontâneas, sem nenhum vínculo ou relação com as políticas públicas. De acordo com Hugues de Varine (2015), tais reações espontâneas oriundas das sociedades, se tratam de significativas rupturas descoloniais, que anseiam por conquistas civis, fazem resistência às ditaduras, e, também estão relacionadas à transformação e desertificação do mundo rural, às sucessivas crises industriais, crises externas e internas, ao processo de urbanização descontrolada, as revoltas da juventude e a mundialização, entende-se por mundialização a continuidade do processo de globalização que teve início no período das Grandes Navegações, evento que inaugura a fase do capitalismo comercial conectando o velho mundo europeu, asiático e africano às Américas. Segundo Varine (2015), tais reações espontâneas, conscientes ou

inconscientemente emanadas pela sociedade, sobretudo, oriundas principalmente das novas classes médias, provocaram manifestações de nostalgia, de busca de referências e de retorno ao passado, como sendo um conjunto de valores tangíveis e intangíveis, materializado através do patrimônio, em suas diferentes formas.

A esse contexto sociocultural, aflora uma tomada de consciência da interdependência entre o cultural e o natural, entre o humano e seu meio ambiente, entre as exigências de consumo e os limites dos recursos disponíveis, que constituem igualmente um patrimônio, em grande parte não renovável. “Nesse ponto revelou-se um paradoxo entre o desejo legítimo de viver melhor (o crescimento) e o dever de preservar as chances de nossos descendentes (a sustentabilidade).” (CÂNDIDO; RUOSO, 2015). Em meio a esse contexto de mudanças aceleradas, à instituição museu, coube o papel de servir de instrumento de identificação, conservação e valorização dos diferentes patrimônios, junto a outras medidas relevantes tomadas por iniciativa do poder público, como construção e preservação de monumentos e sítios, parques naturais e reservas. Para Varine, esse quadro “provocou uma explosão museal a partir dos anos 1960 e 70. “[...] Existem hoje, em um país como a França, aproximadamente tantos museus quantos havia no mundo inteiro cinquenta anos atrás.” (CÂNDIDO; RUOSO, 2015, p.40).

A ampliação do vértice “edifício-coleção-público” para o vértice “território-patrimônio-população”, foi uma movimentação no campo museológico causada pelos adeptos da Nova Museologia, que exigiu transformações na própria atuação dos museólogos e demais profissionais de museu. Essa questão provoca uma reavaliação da atuação dos museus tradicionais que vem abrindo-se às mudanças propostas. Tal fato provocou paralelamente, o surgimento de novas experiências museológicas que caracterizam novas tipologias de Museu: ecomuseus, museus comunitários, museus de vizinhança etc. “Esses novos museus são influenciados e influenciam a Nova Museologia, e contribuem para a ampliação ainda maior das reflexões do campo museológico, trazendo novos questionamentos e atitudes”. (SANTOS, 2017, p. 26). Entretanto, toda essa movimentação no campo museológico e cultural, de modo geral, apesar das mudanças e avanços foi prejudicada pelo contexto de ditaduras.

Segundo Santos (2017, p. 26). “[...] os governos militares⁵, que ocuparam o poder entre 1964 e 1984, retardaram a chegada dessas novas ideias – tendências museológicas (teóricas e metodológicas) internacionais – aos museus brasileiros”.

Entre as recomendações apresentadas à UNESCO⁶ pela Mesa-redonda de Santiago do Chile, sobre o papel do museu na América Latina de hoje, destacamos as seguintes:

1. Um dos resultados mais importantes a que chegou a Mesa-redonda, foi a definição e proposição de um novo conceito de ação dos museus: o museu integral, destinado a proporcionar à comunidade uma visão de conjunto de seu meio material e cultural. Ela sugere que a UNESCO utiliza os meios de difusão que se encontram à sua disposição para incentivar essa nova tendência.

6. Em razão da importância do problema da urbanização na América Latina e da necessidade de esclarecer a sociedade a esse respeito, em diferentes níveis, a UNESCO deverá encorajar a redação de um livro sobre história, o desenvolvimento e os problemas das cidades da América Latina, o qual será publicado sob forma de obra científica e sob forma de obra de divulgação. Para atingir um público mais vasto, a UNESCO deverá produzir um filme sobre a questão, adequado a todos tipos de público.(BERTOTTO; PEREIRA, 2013, p.178).

Nessas duas recomendações fica explícita a urgência que se impunha da necessidade de os museus terem uma participação proativa no que concerne às reflexões direcionadas ao contexto político, socioeconômico, cultural e histórico das sociedades latino americanas no presente. A sexta recomendação viria a ratificar, apresentando alguns instrumentos culturais e pedagógicos quanto à promoção e divulgação das diretrizes definidas naquele momento.

Segundo Faria (2016), embora algumas experiências de museus de território tenham ocorrido na primeira metade do século XX, ainda que pontualmente, como os museus de vizinhança, foi na década de 1970 que as experiências empíricas se

⁵ A “implantação das ditaduras militares na América Latina, a ampliação da intervenção na Indochina, o reforço aos governos colonialistas e de apartheid na África e a sustentação da política israelense no Oriente Médio podem ser interpretadas como uma resposta dos países imperialistas às ondas de contestação e lutas revolucionárias impetradas na década de 1960 (SANTOS, 2017).

⁶A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades.<http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro>- Acesso em: 19 mar. 2023.

somaram a discursos e posicionamentos políticos de alguns profissionais do campo de museus, salientando a necessidade de outras propostas de pensar e conceber o papel dessas instituições. As palavras de Hugues de Varine, um personagem estratégico no período citado para propagar esses debates no seio do ICOM, demonstram o esforço de repensar o exercício do museu. Ainda, segundo a autora, classificados como museus de território, os museus comunitários possuem características bem singulares: centram-se na vivência hodierna da comunidade; dão ênfase às relações culturais e sociais entre homem – território; valorizam os processos naturais e culturais e os objetos de identidade comunitária enquanto produtos da cultura; e se baseiam no tempo social (DALLA ZEN, 2016, p.114).

Para Faria (2016), os debates entre educação, museu e comunidade no âmbito da Museologia são fortemente tensionados a partir da década de 1970. Porém, é possível retroceder duas décadas para observarmos, especialmente no Brasil, como algumas estratégias já eram propostas no campo da Museologia. Segundo a autora, em meados de 1940, mais precisamente em 1946, os profissionais dos museus voltaram a organizar-se após a Segunda Guerra Mundial. Como produto desse exercício de cooperação internacional, foi criado o Conselho Internacional de Museus (ICOM), organização não governamental que mantém relações formais com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Porém, é desde a década de 1970 do século XX, que a Nova Museologia, vem, de modo provocativo e dialético, insistindo no papel dos museus como espaço de desenvolvimento e mudança social. Desde então, os debates entre educação, museu e comunidade no âmbito da Museologia vêm sendo fortemente tensionados. Desse modo, os museus, deixaram de ser templo das musas para se tornarem fóruns da sociedade com destaque particular dos museus comunitários. Faria (2016) compartilha essas ideias ao afirmar que:

O museu comunitário é uma ferramenta para a construção de sujeitos coletivos, impulsionando uma interpretação da trajetória de si mesmo inserido na comunidade a qual pertence. Em um texto publicado na década de 1980, Hugues de Varine já buscava definir as novas funções desse museu. Destacam-se: ser um banco de dados sobre os processos naturais e culturais, atuar como observatório de mudanças, tornar-se um local de encontro e oferecer uma vitrine do presente estado da comunidade. (FARIA, 2016, p. 115)

A partir dessa nova concepção, os museus estão cada vez mais empenhados em desenvolver seu papel social, desenvolvendo ações socioeducativas, inclusivas, valorizando e preservando os processos naturais e culturais, zelando por direitos humanos, fortalecendo a formação de profissionais comprometidos em prestar serviços às comunidades, em estreita interação com a sociedade em que atuam.

A especificidade do museu lhe dá personalidade, garantindo-lhe eficácia no enfrentamento do universo das coisas materiais. Os museus são locais de encontro, e de produção crítica do conhecimento através da exploração da cultura material representada por objetos materiais, e, também, do Patrimônio Cultural, aqui representado pelas pessoas e do Patrimônio Natural, representado pelo território e suas paisagens naturais.

Hugues de Varine (2015, p. 41) indica a conjunção de acontecimentos nos anos 1970 que destacam as mudanças no mundo e as “novas expectativas da sociedade”. É neste contexto que aparecem os termos ecomuseu e museu comunitário, indicando as relações do museu com o meio-ambiente e com as dinâmicas locais de desenvolvimento cultural, social e econômico. Para Varine as comunidades se desenvolvem e gerem seus patrimônios, a partir do museu comunitário. Paralelamente à urbanização e modernização do modelo social, e o crescimento quantitativo dos museus, profissionais reputados da área dos museus, conservadores e curadores, perceberam que os modelos tradicionais não contemplavam os questionamentos advindos com as novas expectativas da sociedade. Esse panorama provocou uma resposta e, muitos eventos aconteceram no início da década de 70 e, também, iniciativas encaminhadas pelo ICOM:

No espaço de dois anos, nós vimos: a palavra “desenvolvimento” acrescida à definição oficial de museu do ICOM (Conferência Geral do ICOM, Grenoble, 1971); a invenção da palavra “ecomuseu” para significar uma nova relação do museu com a natureza e o meio ambiente (1971), em preparação à Conferência das Nações Unidas em Estocolmo em 1972; a criação em Creusot (1971-1972) de um museu sem coleção, apoiado sobre um território, sobre uma população e sobre os patrimônios locais, uma inovação destinada a tornar-se uma referência internacional; a Mesa-Redonda Unesco-Icom de Santiago do Chile (1972), durante a qual os maiores museólogos da América Latina descobriram a sociedade que os rodeava e inventaram o conceito de museu integral. Estes quatro eventos provocaram, de maneira totalmente imprevista, o nascimento e a expansão de um movimento, chamado “Nova Museologia”, que suscitou a

criação de uma organização denominada MINOM (Movimento Internacional pela Nova Museologia) e a generalização de dois termos com definições próximas, o ecomuseu e o museu comunitário. (CÂNDIDO; RUOSO, p.41-42).

Para Hugues de Varine, existe uma distinção entre os museus locais que centram sua atenção na conservação de coleções “mortas”, e os museus que se ligam essencialmente a uma gestão participativa do patrimônio comunitário e territorial. Ele ainda faz uma segunda distinção, entre os museus com finalidades turísticas e os que se destinam a servir primeiro à população local. Para esse autor, há um critério principal, na distinção entre o museu tradicional, e os museus de viés comunitário, que reside no fato da relação entre o museu e as dinâmicas locais do desenvolvimento cultural, social e econômico. Paradoxalmente, apesar do aumento exponencial no número de museus espalhados pelo mundo, do surgimento dos ecomuseus e museus comunitários, que teve início a partir da Europa, num momento em que acelerou o processo histórico, em decorrência das mudanças e reações espontâneas da sociedade civil, no que diz respeito aos museus locais, alguns fatores fizeram com que, na maior parte dos países europeus e mesmo fora, muitos fossem obrigados a fechar ou cogitassem diminuir drasticamente suas atividades. Para Varine, essa tendência de desagregação na rede de museus locais na Europa Ocidental parece irreversível em numerosos territórios.

Além das causas internas, outra série de fatores, como a pressão dos setores prioritários, a saúde, a segurança, a inclusão social, a infância, a dependência da terceira idade e o esporte, se faz cada vez maior sobre todos os atores públicos privados e deixa pouco espaço às atividades consideradas como “gratuitas”; elas não são efetivamente rentáveis nem economicamente nem eleitoralmente. Até mesmo o turismo, que justifica frequentemente as políticas públicas patrimoniais, privilegia os grandes museus e os grandes monumentos ou sítios, os eventos mais midiáticos, em detrimento das instituições comunitárias que têm mais um papel de proximidade. (CÂNDIDO; RUOSO, 2015, p.43 – 44).

A justificativa encontra argumentação de tipo cultural na ideia de que o patrimônio é importante para a identidade das populações, os museus possuem coleções de valor científico excepcional, eles têm um papel pedagógico fundamental junto aos públicos escolares, atraem turistas, etc. Porém, infelizmente, isto não é o suficiente para se converter em apoio dos financiadores públicos ou das fundações. Tampouco, por si só, as populações se mobilizam em proveito de “seu” patrimônio ou

de “seu” museu. Nesse ponto, Varine sugere uma mudança na abordagem e aponta para o caminho que os museus devem trilhar, proposto nas recomendações de Santiago do Chile, isto é, fazer o museu e o patrimônio servirem à sociedade e ao seu desenvolvimento. E segue, “o desenvolvimento aqui deve ser compreendido como melhora (sustentável) da qualidade de vida e das condições de vida, o que implica na consideração e utilização do patrimônio como recurso do território e da comunidade.” (CÂNDIDO; RUOSO, p. 44-45).

3 O MUSEU COMUNITÁRIO DA LOMBA DO PINHEIRO, SUA HISTÓRIA E A RELAÇÃO COM A MUSEOLOGIA DA UFRGS

A instalação do curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) teve início em 2008 e, praticamente ao mesmo tempo, foi firmada a parceria com o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, que originou o programa de ensino, pesquisa e extensão denominado Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania (ANEXO A), que encerrou em 2018, e representa um trabalho de imersão da UFRGS, numa ação comunitária dentro do bairro Lomba do Pinheiro.

Antes disso, desde que foi criado, em 2005, o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro já vinha realizando um significativo trabalho no campo dos museus comunitários. De acordo com COELHO (1997):

[...] o museu comunitário é o resultado da criatividade comunitária, já que sua criação e desenvolvimento têm como fundamento a participação ativa da comunidade, que se encarrega de investigar, resgatar, preservar e difundir seu patrimônio histórico e cultural. Essas atividades contribuem para firmar a identidade cultural, valorizando os elementos específicos da visão de mundo de cada grupo, recuperando o passado a fim de forjar um presente mais claro e melhor. (COELHO, 1997, p. 161 e 162)

Sua criação foi possível por exigência da própria comunidade, que manifestou o interesse dentro das discussões do Orçamento Participativo⁷. No entanto, é importante salientar que o processo de constituição do museu comunitário não foi resultado de uma grande ação unânime por parte dos moradores de toda a comunidade, decididos, juntos, sem discordâncias ou mal-estar. Uma vez que o museu é sempre um discurso, uma narrativa sobre algo que necessariamente seleciona e exclui determinados aspectos, “determinadas vozes”, também em um museu comunitário é necessário eleger prioridades para “ouvir”, “a quem ouvir” e “o que ouvir”, ainda mais tendo em

⁷ O Orçamento Participativo é um mecanismo governamental que permite a participação democrática da população para influenciar ou decidir sobre os orçamentos públicos, em geral no que se refere aos investimentos de prefeituras municipais. Os processos contam com assembleias abertas e periódicas; envolvem várias etapas de negociação direta com o governo. Os investimentos deixam de ser determinados por técnicos burocratas, passando a decisão das prioridades à sociedade. O Orçamento Participativo (OP) foi implantado em 1989, na cidade de Porto Alegre/RS. (MINUZZO, 2013, p.27)

consideração a população, a dimensão territorial e a quantidade de vilas⁸ existentes no bairro Lomba do Pinheiro.

Conforme Chagas (DALLA ZEN, 2015), o reconhecimento de que o patrimônio cultural não é um dado, mas uma construção que resulta de um processo de atribuição de significados e sentidos permite avançar em direção à sua dimensão política, econômica e social; permite compreendê-lo como espaço de disputa e luta como campo discursivo, sujeito aos mais diferentes usos, e submetido aos mais diferentes interesses.

Há que se considerar, também, o fato de ocorrerem conflitos entre os diferentes interesses político-partidários de grupos sociais, os quais refletem na interação entre a comunidade e o museu, embora este não se proponha a intervir nessas questões nem delas participar.

Juntamente com a criação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro também foi criado o Memorial da Família Remião, edificado em uma casa térrea, construída com madeira e coberta com telhas de barro em estilo colonial, local onde, por muitos anos, funcionou o comércio de João de Oliveira Remião. Comerciante bem sucedido, proeminente morador do bairro e proprietário do local onde funcionou um armazém que, além de comercializar insumos e alimentos agrícolas, cuja produção era feita por produtores do próprio bairro, também servia como local de encontros políticos e reuniões de moradores com caráter associativo, com objetivo de solucionar discutir e buscar soluções a problemas estruturais e sociais.

Naquele ano de 2005, a edificação foi cedida por descendentes do patriarca João de Oliveira Remião, o qual emprestou seu nome à avenida principal do bairro, e assim surgiu o Museu, em decisão tomada dentro do orçamento participativo, por ideia dos moradores que procuravam um local para dispor de um espaço que oferecesse alternativas inclusivas para a comunidade. O Museu Comunitário, juntamente ao

³As vilas, no significado popular, são bairros, vizinhanças ou becos mais afastados da cidade e também mais pobres. Também conhecida como 'quebrada' ou 'morro', a **vila** nem sempre chega a ser considerada um gueto, pode ser uma vizinhança qualquer. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/vilas/> Acesso em: 03 fev. 2023.

Memorial da Família Remião, surge, então, em prédio cedido pela família à comunidade.

O Armazém Vencedor, prédio que, hoje, sedia o museu, havia sido o espaço de encontro social, político e econômico das pessoas do bairro, durante décadas, a sua transformação em museu e memorial transformou o endereço em um lugar de memória. (DALLA ZEN, 2016, p. 38).

Em sua história, durante alguns anos da primeira e da segunda década do século XXI, o Museu da Lomba, foi palco de ações culturais e educativas promovidas pela parceria com a UFRGS, com participação de membros do curso de Museologia da UFRGS, através do programa de extensão universitária. É preciso considerar que, a partir de 2016, com o *impeachment* sofrido pela Presidenta Dilma Vânia Rousseff, vítima de perseguição política, levada à cabo por alguns setores da sociedade brasileira, descontentes com o resultado da eleição de 2014, configurou um novo contexto nas políticas de governo na área da cultura. Mesmo sem estar relacionado diretamente com o fim do projeto de extensão da UFRGS, junto ao Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, esse fato recente da história brasileira, afetou as ações governamentais que vinham sendo aplicadas, sobretudo, nas áreas sociais especificamente na educação e na cultura, fazendo com que muitos avanços fossem interrompidos o que acarretou uma drástica diminuição de investimentos e recursos nessas áreas.

Na esteira do retrocesso, surgiu a pandemia de COVID-19, no início de 2020, que provocou o fechamento compulsório de instituições culturais, escolas e universidades. Passados mais de dois anos, no presente ano de 2023, reformas estão sendo realizadas na edificação, para que, possivelmente, algumas atividades presenciais retornem gradualmente e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, que, por mais de dois anos permaneceu com suas portas fechadas, possa reabri-las para reencontrar-se com a comunidade do bairro Lomba do Pinheiro e a sociedade gaúcha.

3.1 Instituto Popular de Arte e Educação (IPDAE)

Voltando ao início da história, cabe ressaltar que a criação do Museu da Lomba do Pinheiro faz parte de um processo principiado em 1998, quando foi criado o Instituto

Popular de Arte e Educação (IPDAE), uma Organização Não Governamental (ONG), fundada em 1998, que tem sua estrutura composta pela Escola de Música, pela Orquestra do IPDAE⁹ e pela Biblioteca Leverdógil de Freitas¹⁰.

O IPDAE tem como missão oferecer atividades culturais e educativas para as crianças em situação de risco social da comunidade, ao proporcionar acesso à leitura, à música, à arte e à cultura, como instrumentos mediadores na formação do indivíduo e, dessa forma, estabelecer alternativas inclusivas à comunidade.

Como uma das suas primeiras estratégias de inserção no território, o IPDAE realizou um mapeamento sociocultural do bairro a fim de obter informações sobre a sua trajetória histórica por meio da memória de seus habitantes mais antigos. Para isso, foi reunida uma equipe interdisciplinar composta por moradores e alunos das escolas locais, orientados por pesquisadores do Brasil e do exterior.

Ao mesmo tempo, realizava oficinas de produto audiovisual, xadrez, mapeamento cultural, artesanato, entre outros, e a montagem de uma sala de acesso à internet e de uma biblioteca comunitária que, além de facilitar o acesso a livros e revistas, também promovia oficinas de leitura e produção textual (DALLA ZEN, 2016).

Desse modo, o Museu atuava em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Cultura e do Plano Nacional de Cultura (BRASIL, 2007), ao fazer uso de diferentes estratégias para envolver a comunidade em atividades de inclusão e mudança social por meio da cultura.

⁹ O Instituto Popular de Arte-Educação é uma organização da sociedade civil sem fins econômicos e apartidária. Foi fundada em abril de 1998 e está localizada no bairro Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre. A instituição acredita no acesso à leitura, à música, à arte e à cultura como instrumentos mediadores na formação do indivíduo. Dessa forma, propõe atividades que possibilitam ao participante redimensionar e ampliar seus horizontes de vida, bem como desenvolver suas potencialidades latentes. Mantém, atualmente, a Biblioteca Leverdógil de Freitas (na sede e ramal), a Escola de Música, o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e o Memorial da Família Remião. Disponível em: <http://www.ipdae.com.br/index.php/i/ipdae>- Acesso em: 19 mar. 2023.

¹⁰ A Biblioteca Leverdógil de Freitas está localizada da sede do IPDAE e também no Museu Comunitário. Além de empréstimos de livros, mantém diversos programas de fomento à leitura, tais como: Hora do Conto, Oficina de Leitura, Leitores do Ano, Varal da Poesia e Livro na Lomba. Disponível em: <http://www.ipdae.com.br/index.php/i/ipdae>- Acesso em: 19 mar. 2023.

3.2 A relação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro com a Museologia da UFRGS

Interagir com os demais setores da sociedade, é uma importante tarefa da Universidade enquanto instituição a qual se atribui a geração de conhecimento. Cabe à Universidade encaminhar suas próprias demandas e àquelas provenientes dos outros representantes da comunidade. Com isso, ela fortalece a formação de profissionais comprometidos com a sociedade, preserva culturas, estará zelando por direitos humanos, compartilhando conhecimento e cumprirá, em parte, com sua missão.

O programa de extensão universitária estabelece relações vivas e orgânicas nas quais a transformação é parte do processo. A extensão universitária não corresponde a uma dimensão espacial, de comprimento e tamanhos mensuráveis, por não se tratar de limites territoriais. Conforme o professor Mário Chagas (apud Dalla Zen) “[...] o território da extensão é simbólico, é cultural, é social e, por isso mesmo, é o corpo, a alma e o espírito dos cidadãos que vivem na sociedade em que vive a Universidade”(DALLA ZEN, 2016, p.10). Isso significa que a extensão tem o poder de materializar os sonhos, desejos e anseios das pessoas ao propiciar a interação entre a Universidade e as comunidades às quais ela se insere.

A partir desses pressupostos, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, (UFRGS), desde o ano de 2019, através do Conselho de Pesquisa e Extensão (CEPE), vem considerando e estabelecendo novas diretrizes com relação à curricularização da extensão na Universidade. Na Resolução de nº 029, de 15 de dezembro de 2021, o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (CEPE) observando Resoluções do Conselho Nacional de Educação, normas gerais e a política de extensão, bem como do Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) da UFRGS, dispõe sobre as normas gerais para a inserção curricular da extensão universitária nos currículos e nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação. Assim, considera-se que a extensão contribui para a formação técnica, profissional e cidadã dos discentes que devem ter uma carga horária curricular de no mínimo 10 % de prática extensionista.

Compreendemos que o Curso de Museologia, em sua prática de ação junto ao Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, sempre efetivou esta formação cidadã e

inseriu os estudantes e a comunidade como protagonistas na efetivação de atividades realizadas, que abordaremos adiante neste capítulo.

A Universidade, enquanto uma das instituições da sociedade a qual se atribui a geração do conhecimento é o agente responsável por encaminhar suas próprias demandas e aquelas provenientes dos outros representantes da comunidade, através da integração entre o ensino, a pesquisa e extensão. Através de seus programas de extensão, a instituição de ensino superior, contribui com a sociedade em seu desenvolvimento coletivo de modo geral. E, particularmente, através da extensão universitária nossas universidades estão contribuindo para que a sociedade alcance os oito “Objetivos de Desenvolvimento do Milênio”, propostos pela Organização das Nações Unidas (ONU BRASIL, 2023, documento eletrônico), em 8 de setembro de 2020, a partir da redução da pobreza extrema e da fome no mundo.

Identificar o impacto impulsionado pela extensão na relação com o conjunto da sociedade, tendo como objetivo a transformação social através do envolvimento das instituições com a comunidade local é tarefa permanente a ser constantemente revista e avaliada por todos os atores envolvidos nesse processo. A extensão universitária é o mecanismo pelo qual se estabelece a integração da Universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades para a maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional e do aprimoramento das políticas públicas. (DALLA ZEN, 2016).

Cabe ressaltar que a transformação social que se pretende, com a extensão universitária, para além da comunidade e do Museu, deve incidir também na própria Universidade pública, enquanto parte da sociedade. A transformação está na gênese das atividades de extensão, que carregam uma visão de mundo construída no contexto acadêmico e que se estende para a sociedade a partir de trocas, que transforma e transforma-se, reforma e reforma-se constantemente. (DALLA ZEN, 2016).

O alcance desses objetivos – impacto e transformação da sociedade e da Universidade -, [...], é potencializado nas ações que se orientam pelas diretrizes de *Interação Dialógica, Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade*, por fim, *Indissociabilidade Ensino-Pesquisa-Extensão*. Com esse escopo as ações de extensão universitária surgem como instrumentos capazes de contra-arrestar as consequências perversas do neoliberalismo, em especial a mercantilização das

atividades universitárias, a alienação cultural e todas as mazelas que as acompanham. (DALLA ZEN, 2016, p. 14).

O trabalho de extensão realizado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) serve de exemplo da missão atribuída à Universidade, que, através do envolvimento de membros do curso de Museologia, produziu resultados que, por sua vez, servem de objeto de estudo para análise de trabalhos acadêmicos na construção do conhecimento de modo amplo e especificamente no campo da Museologia.

É importante salientar que, todo o processo se torna exequível graças ao suporte, complexo e inclusivo, do arcabouço conceitual multidisciplinar que sustenta a dinâmica de ações educativas e patrimoniais, como um esqueleto que sustenta uma estrutura mantendo-a viva e dinâmica, e que, também, serve de instrumento para, interpretar os resultados, "à luz da teoria e da prática, acompanhados por considerações tecidas sob a perspectiva de uma avaliação qualitativa, própria para uma proposta desse gênero, cuja quantificação serve apenas como referência da avaliação." (DALLA ZEN, 2016, p. 24). No âmbito acadêmico, essa análise contribuirá para avaliar a própria função da Universidade enquanto instituição pública e gratuita, responsável direta pela proposição de alternativas de construção de um mundo melhor e mais justo. A publicação de estudos e pesquisas, fruto das experiências de extensão universitária, é indispensável para o desenvolvimento e aprimoramento das instituições comprometidas com a difusão dos conhecimentos e com a formação de profissionais e cidadãos capazes de influir no aperfeiçoamento das políticas públicas, em qualquer área de atuação, e especialmente nas áreas em consolidação, como no caso da Museologia e do patrimônio.

O Programa Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, do Curso de Museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), representa um trabalho de imersão da Universidade, concretizada através de uma ação comunitária dentro do bairro Lomba do Pinheiro, a partir, de uma valorização do Museu Comunitário, que, desde 2005, se propõe a colaborar para a inserção daquela comunidade num contexto mais inclusivo, justo, solidário, de inclusão social dentro da cidade de Porto Alegre (FRAGA, 2015).

O referido Programa entra em vigor em 2008 e até 2014, atua sob a coordenação da Professora Ana Maria Dalla Zen, então, a partir de 2014, até 2018, tem

seguimento sob a coordenação do Professor Eráclito Pereira, quando, então, finalizam as ações relacionadas à parceria do Programa de extensão universitária da UFRGS e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. No período de vigência, o Programa, constituído através da integração e interatividade entre Universidade e Museu, e entendido, aqui, também, como experiência de gestão cultural, tornou-se um permanente fórum de provocação e debate, pautado pelo compromisso dos museus com o desenvolvimento e a mudança social do país, base em que se sedimenta a Política Nacional dos Museus (FRAGA, 2015). O conceito de gestão cultural pode ser entendido, como:

[...] um conjunto de atividades relacionadas ao sistema de produção cultural, realizadas com base em uma determinada política cultural, por organizações públicas, privadas ou mistas, grupos culturais ou comunitários, abrangendo a administração de recursos (humanos, físicos, materiais e orçamentários), o acesso a diversas fontes de financiamento, o estabelecimento de redes e parcerias, a formação artística e cultural, aspectos legais, exercícios de participação, processos de comunicação e cooperação, entre outras. (SILVA; OLIVEIRA *apud* RUBIM, 2019, p. 171).

Nesse caso, especificamente, trata-se de gestão cultural realizada em uma parceria mista, ou híbrida, entre uma instituição pública, a Universidade, e o Museu, uma instituição cultural, de caráter comunitário, privada – uma Organização da Sociedade Civil (OSC), - relacionada à gestão e as práticas museológicas, teórico e metodológicas. Contudo, para Rubim (2019), ela não deve ocorrer dissociada de uma política cultural, o que significa dizer que ela deve ser concebida como um marco de diretrizes, princípios, objetivos e metas com finalidades estabelecidas e passíveis de serem monitoradas e avaliadas.

Nesse sentido Faria (2016, p. 115), afirma que, “[...] o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro é um importante exemplo de como todas as ideias apresentadas se viabilizaram. A instituição nasceu de uma iniciativa da própria comunidade [...]”. Segundo Minuzzo (2011), sua marca é proporcionar um papel crítico enquanto articulador das múltiplas realidades encontradas em um bairro situado na periferia de uma grande cidade.

Através dessa parceria, ambas as instituições colaboram na construção coletiva de alternativas mais inclusivas para a comunidade. Com a Política Nacional dos Museus, os museus passaram a assumir uma função social de considerável

importância. A noção de patrimônio para essas instituições deixou de fazer referência aos objetos e passou a concentrar-se em tudo que as rodeia, o território da comunidade, suas culturas, suas trajetórias, suas memórias, os moradores da comunidade. O conceito de acervo igualmente foi modificado, uma vez que deixou de abranger somente o que está reunido em seu edifício. Os museus comunitários passaram a ser considerados como espaços de memória das comunidades a que se referem; logo são produtos de uma construção coletiva que leva em conta as experiências da comunidade, embora esse processo de construção raramente seja uniforme e pacífico. (FRAGA, 2015, p. 261).

Em entrevista com Cláudia Feijó da Silva Fraga (APÊNDICE A e ANEXO B) realizada em Porto Alegre, em 11 de março de 2023, a ex-diretora do MCLP que esteve envolvida diretamente nos projetos e ações educativo culturais, desenvolvidos no Programa de extensão universitária: Museu Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, a entrevistada relatou que o processo de implantação e do andamento das ações do museu comunitário iniciou em 2008, quando o museu estava em seu quarto ano de funcionamento.

Naquele ano de 2008, relembra Cláudia Feijó, ela recebe o convite de Fátima Flores, diretora do Instituto Popular de Arte e Educação (IPDAE), instituição mantenedora do MCLP/MFR, para trabalhar no Museu, como pesquisadora, e, para desenvolver algumas ações educativas, mas que estavam voltadas muito mais, para a história da família Remião, considerando que, o Museu e o Memorial da Família Remião (Figuras 1 e 2), dividem o mesmo espaço: o prédio do antigo armazém Vencedor de propriedade de João de Oliveira Remião.

Figura 1– Imagem do prédio do Museu, antigo armazém Vencedor



Fonte: MUSEU..., 2023, documento eletrônico

Figura 2 –Vista lateral do prédio do Museu, antigo armazém Vencedor



Fonte: MUSEU..., 2023, documento eletrônico

A proposta de Fátima para Cláudia, nas palavras da ex-diretora foi a seguinte:

[...] não condizia muito com aquilo que ela acreditava, então, foi feita uma contraproposta para Fátima Flores, pra que as ações educativas pudessem envolver a comunidade de uma forma geral, contando a história dessa comunidade concomitantemente às atividades relacionadas à história da família Remião. (FEIJÓ, 2023, Informação oral).

Fátima Flores aceitou a ideia e, então, Cláudia Feijó pensou em algumas ações, em conjunto, com o historiador Caio, que já trabalhava no Museu. Em 2012, por discordar sobre questões que envolviam o andamento das ações museais que, em seu entender, estavam privilegiando mais o trabalho voltado para o acervo da Família Remião em detrimento do trabalho social junto à comunidade, a então diretora do Museu Comunitário, finalizou sua trajetória junto à instituição de memória. Segundo ela,

Algumas questões, assim, de travar o desenvolvimento das questões da comunidade, e a Fátima tinha muito a ideia de querer voltar a trabalhar mais com a história da família Remião, e eu acreditava que a museologia social não era falar de uma família, mas trabalhar com a comunidade, falar do bairro que é tão extenso e tão importante pra cidade. (FEIJÓ, 2023, Informação oral)

Conforme relata Cláudia Feijó,

Havia uma interferência, com relação ao andamento das ações desenvolvidas no Programa de extensão. Um afastamento daquela linha que estava sendo implementada, nas ações que vinham sendo feitas com o objetivo de focar na comunidade, utilizando os pressupostos da Nova Museologia. Então, em 2008, foi quando eu ingressei e se começou a pensar e a desenvolver algumas ações, e de repente eu estava trabalhando sozinha, no museu, não tinha mais ninguém, pra me ajudar, para dar assistência, e eu pensei, nossa! Tem muita coisa pra desenvolver e como que eu vou dar conta sem envolver a comunidade e sem envolver outras partes?(FEIJÓ, 2023, Informação oral)

Foi quando, a até então diretora Cláudia Feijó, procurou o Curso de Museologia, da UFRGS, que também estava no seu início, em seu primeiro ano de existência. A diretora do Museu procurou a professora Ana Maria Dalla Zen que, em conversa, sugeriu fazer uma parceria entre a Universidade e o Museu, através de programa de extensão, com o objetivo de desenvolver projetos e ações educativas junto à comunidade do bairro.

Aquele era um momento propício porque além de haver um desenvolvimento da Museologia no Brasil segundo Feijó “era um momento extremamente importante com a criação do Instituto Brasileiro dos Museus, o IBRAM,” e, também porque, as políticas

públicas, implantadas pelo governo, democrático, disponibilizava verbas captadas pela área cultural. Por parte da Universidade, a Professora Ana Maria Dalla Zen gostou da proposta apresentada e, levou alguns alunos para conhecer o museu, para conhecer o que já se desenvolvia no museu, e, então, criou-se o Programa de extensão universitária, Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania. A partir daí, começou a ser produzido o Projeto. Paralelamente, a professora Zita Possamai coordenava o Programa Conexões de Saberes, que também era um programa de extensão universitária, junto à UFRGS e o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro que, passou a receber bolsistas, do Programa, para desenvolver projetos dentro do museu. Nas palavras de Feijó:

A gente também tinha o Programa Macacos Urbanos, que ainda é um programa bem consolidado que existe em parceria com a Biologia da UFRGS, principalmente, em que a gente fez uma parceria para desenvolver ações, principalmente de educação ambiental do bairro. (FEIJÓ, 2023, Informação oral)

A questão da educação para o patrimônio, conceito utilizado nas ações promovidas nos três Programas citados: Museu Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania; Macacos Urbanos e Conexões de Saberes era o “fio condutor”, de ligação entre eles. Todavia, se tratavam de três grupos distintos, de três programas diferentes que, no entanto, desenvolviam ações de educação para o patrimônio. Em conversas mantidas com integrantes do bairro que eram entrevistados, se buscava a reconstrução da história do bairro, nas quais as pessoas falavam muito nas mudanças sociais que tinham acontecido ao longo das últimas décadas. E principalmente essa questão ambiental era uma questão que surgia muito forte e, existiam pesquisas da UFRGS, com a questão da urbanização do bairro. Todos esses elementos eram partes de um processo de constituição dos Programas que se encaixavam perfeitamente com harmonia, cujo objetivo era conscientizar a população da importância da preservação do patrimônio cultural e natural. Sendo assim, o Projeto que formalizou a intenção de criar o Programa de extensão, foi produzido, por Cláudia Feijó, juntamente com a professora Ana Maria Dalla Zen, e apresentado à Pró-Reitoria

de Extensão¹¹ (PROEXT). Ao ser aprovado, recebeu uma verba específica para a contratação de bolsistas, e também, para adquirir materiais necessários no desenvolvimento do Programa.

[...] o Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior (FORPROEX, 2012) aponta o “Impacto e Transformação Social” como uma de suas diretrizes em que se reafirma a extensão universitária como o mecanismo pelo qual se estabelece a integração da Universidade com os outros setores da sociedade, com vistas a uma atuação transformadora, voltada para os interesses e necessidades da maioria da população e propiciadora do desenvolvimento social e regional e do aprimoramento das políticas públicas. Entende o Fórum que, dessa forma, ela possa contribuir para o processo de (re) construção da nação, uma comunidade de destino ou de (re)construção da polis, a comunidade política. Nesse sentido, a diretriz “Impacto e Transformação Social” imprime à extensão universitária um caráter essencialmente político. (DALLA ZEN, 2016, p.13).

A partir daí, foram sendo desenvolvidos os projetos de história oral, através das rodas de memória, e, na sequência outros projetos dentro do Programa, que são destacados nas próximas seções, com a utilização de dados coletados junto a entrevistada Claudia Feijó (Figura 3).

¹¹O Programa de Extensão Universitária (ProRExt) tem o objetivo de apoiar as instituições públicas de ensino superior no desenvolvimento de programas ou projetos de extensão que contribuam para a implementação de políticas públicas. Criado em 2003, o ProRExt abrange a extensão universitária com ênfase na inclusão social. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12241&ativo=488&Itemid=487/proext-apresentacao Acesso em 12 mar. 2023.

Figura 3 – Entrevistada Cláudia Feijó da Silva Fraga e acadêmico de Museologia Jefferson M. Trevisan



Fonte: Foto do arquivo do autor, 2023

A entrevista permitiu fazer relações entre os dados levantados em fontes secundárias (bibliografias oriundas de publicações e produção de trabalhos científicos) que foram fundamentais para a escrita e conclusão do presente trabalho.

O museu, assim como a universidade, são instituições que cumprem papel social e que interagem com os setores da sociedade com o objetivo de transformá-la em um espaço mais democrático, inclusivo e justo, com enfoque na educação inclusiva, que tendo, dentre suas diretrizes a valorização da vida, não pode desconsiderar as questões relacionadas à acessibilidade. Sendo a acessibilidade um atributo essencial do ambiente que garante a melhoria da qualidade de vida das pessoas (WILD, 2017) ela estar presente para facilitar o deslocamento, a informação e a comunicação, bem como nos serviços e espaços abertos ao público, incluindo teatros, cinemas e museus. Segundo Bianca Wild: “A acessibilidade gera resultados positivos e contribui para o desenvolvimento inclusivo e sustentável, sua implementação, portanto, é fundamental.” (WILD, 2017, p. 181-182).

Os ecomuseus e museus comunitários, dentre muitos outros modelos, tem como objeto não apenas o homem ou a natureza, mas uma expressão do homem e da

natureza. Neste contexto o objeto é a relação que se dá entre os dois e todas as possíveis relações entre o homem e o real que acontecem no território determinado, por isso falar-se em acessibilidade em relação a esses museus é primordial.

É relevante analisar a estrutura do MCLP/MFR, acerca das questões de acessibilidade, uma vez que a maioria dos projetos e das políticas públicas voltadas para essa questão, concentram-se nos museus tradicionais, para que as pessoas com deficiência possam viver a experiência das exposições, ter acesso à arte e suas mais variadas expressões. Entretanto, com a Nova Museologia, os novos modelos de museus possuem territórios e patrimônios que nem sempre possuem alternativas para que os portadores de deficiência possam vivenciar experiências com o patrimônio existente nestes museus.

Nesse sentido, o Programa de extensão instituído em parceria entre a instituição comunitária e a universidade, contemplou, parcialmente a acessibilidade, considerando que, o espaço físico da instituição é constituído por terreno irregular, e a edificação, do início do século XX, e os recursos disponíveis não contemplam tais necessidades. Além disso, as questões voltadas à acessibilidade, recentemente, ganharam destaque e proeminência e a referida instituição de memória esteve fechada, compulsoriamente, como já abordamos, a partir do final de 2019, em decorrência da pandemia de COVID-19 que se instalou no planeta.

A entrevistada Cláudia Feijó conta que nasceu no bairro e, que até cinco anos atrás, ainda era moradora e, quando casou mudou-se para a zona sul. Por este motivo ela conhecia, mais de perto, a realidade e era uma realidade que lhe incomodava muito. Por exemplo, a visão que se tinha externamente do bairro e que, no seu entender, também era um fator que provocava a baixa auto-estima dos moradores do bairro, principalmente, sobre as questões de criminalidade, de pobreza. A entrevistada comenta que nas conversas mantidas com moradores identificava-se um sentimento de discriminação pelo bairro Lomba do Pinheiro.

Nesse sentido, o Programa de extensão, além de fortalecer os laços com a comunidade, por meio dos projetos e ações de educação para o patrimônio, também,

fez com que, “as coberturas midiáticas, que, tendem a reforçar os estereótipos sobre essas áreas, gerando, assim, nefastos efeitos de ordem simbólica, particularmente poderosos quando exercidos sobre populações sem cultura” (FRAGA; CARDOSO, 2015, p. 269), veiculasse, na mídia, o trabalho dos agentes do museu e da universidade, contando narrativas sobre a história e alguns aspectos relacionados ao desenvolvimento do território, através da luta da comunidade por melhores condições de vida.

Fazer frente a essas representações estigmatizadas veiculadas pela mídia torna-se fundamental; sobretudo, quando se tem em consideração que as camadas dominadas da sociedade, distantes, social, econômica e geograficamente, dos principais centros de difusão de cultura, são as menos aptas a poderem controlar a sua própria representação. (FRAGA, CARDOSO, 2015, p.269)

Claudia destaca: “Os aspectos da história, os aspectos de luta da comunidade, foram importantes pra modificar essa visão negativa, principalmente, de muitas pessoas.” (FEIJÓ, 2023, Informação oral).

Em termos de melhorias sociais é indiscutível a intervenção do Museu.

Durante esse período, economicamente eu não sei dizer [...], porque é um indicador um pouco mais difícil de ser mensurado. Mas, acredito que pelo fato, de termos a oportunidade de mudar, um pouco, essa visão midiática, de um bairro visado pelo alto índice de criminalidade já envolve também essas questões econômicas. (FEIJÓ, 2023, Informação oral)

As entrevistas, com as pessoas da comunidade, portanto, eram experiências oportunas para que elas contassem suas histórias relativas ao bairro e o que elas pensavam sobre a visão que as pessoas de fora tinham sobre o bairro. Especificamente, essa questão, aparecia muito fortemente, nas narrativas e causava uma “grande mágoa nas pessoas que moravam no bairro” (FEIJÓ, 2023, Informação oral). Tal fator, era visto como causa nos problemas individuais e coletivos, tais como: dificuldades de arrumar emprego, entre outras.

Onde tu moras? Na Lomba do Pinheiro! As pessoas já se sentiam discriminadas por conta disso. Assim foi definido o nome do Programa, Museu da Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania. Memória porque foi desenvolvido com as memórias das pessoas do bairro; informação porque a memória, através das lembranças que emergiram a partir da história oral, ajudam a informar; e cidadania, porque é o

desenvolvimento da cidadania das pessoas da comunidade. Portanto, o título carrega, em seu nome, os conceitos relacionados aos objetivos e aos caminhos para alcançar os objetivos. Claudia Feijó relembra: “Quando a gente pensou no nome, ele não é um nome jogado, ele tem significado. Trabalhamos com a memória pra poder informar pra poder acabar com esses estereótipos e também pra desenvolver a cidadania das pessoas.” (FEIJÓ, 2023, Informação oral).

Tendo conhecimento das questões que envolvem o processo de desenvolvimento dos projetos e ações patrimoniais conclui-se, que, a trama é construída a partir dos conceitos de educação para o patrimônio ações educativo culturais, pesquisa, diálogo, na busca por caminhos para se alcançar o objetivo de conscientizar a coletividade, através da memória, informando para melhorar as condições sociais da coletividade através da intervenção do museu.

O Programa cumpriu o papel de ambas as instituições envolvidas enquanto instrumentos de conscientização dos direitos e deveres dos cidadãos, propiciou um desenvolvimento social mútuo, constituiu um percurso de integração entre o ensino, e a pesquisa, articulado através da extensão que atuou junto à comunidade como agente transformador na medida em que foi capaz de fazer transitar o “saber e o fazer” específico das ações museais no ambiente emanado de contribuições que propiciou esse novo aprendizado possibilitando as condições para rearticular e atualizar constantemente as práticas museológicas e de gestão encaminhadas durante as atividades na instituição.

Entretanto, no que concerne à construção de alternativas à exclusão de pessoas com deficiência, não foram desenvolvidas ações educativas para diminuir as barreiras impostas pelas limitações físicas, psicológicas e neurológicas. Para alcançar esses objetivos, teriam que ser promovidas reformas do ambiente que não foram realizadas.

3.3 Ações de Educação para o Patrimônio

Como já foi dito anteriormente, o Programa de extensão Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, realizado em parceria entre o Curso de Museologia da FABICO/UFRGS e o MCLP/MFR, trata-se de proposta interativa de ensino, pesquisa

e extensão universitária que visa a interação da Universidade, o Museu e a comunidade do território.

No âmbito do Programa, as ações de Educação para o Patrimônio, viabilizaram-se, por meio de projetos, subdivididos em quatro, que manteve em andamento: Oficinas de Educação para o Patrimônio, História Oral (Rodas de Memória), Museu de Rua e Turismo Comunitário (Lombatur), contemplados por recursos do PROEXT/MEC 2010, em 2012.

O referencial metodológico está ancorado em premissas e pressupostos museológicos da Nova Museologia, que no âmbito do museu comunitário tem como objetivo atrair o público, composto por pessoas da comunidade, a fim de organizar ações educativas coletivas, inclusivas e transformadoras, além de incentivar a formação de sentimento de pertencimento, e a recuperação da autoestima entre os moradores do bairro Lomba do Pinheiro, através de ações e práticas educativas culturais. Para Mário Chagas (2004), educação patrimonial não se limita à metodologia, mas é, também, campo de trabalho, reflexão, ações e práticas que tomam como ponto de partida a relação de indivíduos e grupos sociais com o patrimônio cultural (material e imaterial). Para o autor, “o campo da Educação Patrimonial não é tranquilo e não é pacífico; ao contrário, é território em litígio, aberto para trânsito, negociações e disputas de sentido.” (CHAGAS, 2004, p. 145). A superação dos altos índices de vulnerabilidade social se constituiu, desde o início do programa, como a meta a ser atingida por meio de ações voltadas para aumentar a autoestima e incentivar entre os moradores o sentimento de pertencimento ao seu território. Instigar o sentimento de pertencimento, assim como elevar a auto-estima dos moradores, constitui ambiciosos objetivos propostos pelo Programa, de modo a fazer oposição a imagem estigmatizada criada pela mídia tradicional a respeito do bairro, uma prática que lhe é habitual não somente no bairro em questão, mas, também, em relação às periferias das grandes cidades de modo geral.

E, nessa imersão comunitária, as definições e delineamento das ações se constituíram no resultado de permanente discussão entre as lideranças comunitárias, o Museu e a Universidade.

3.3.1 Rodas de memória

Em seu Manual Alberti (2005), define História Oral como sendo um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica, etc.), que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. A produção de história oral tem como referência um conjunto de procedimentos que são tomados a fim de desenvolver trabalhos utilizando tal recurso que se emprega em diversas áreas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada, métodos qualitativos, etc. (ALBERTI, 2005).

A depender da orientação do trabalho no qual se emprega história oral, essa pode ser definida como método de orientação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados. Para o autor, como consequência, o método de História Oral produz fontes de consulta (as entrevistas) para outros estudos, podendo ser reunidas em um acervo aberto a outros pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas, etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram ou testemunharam. (ALBERTI, 2005, p.18).

Em 2009, vinculada ao Projeto de História Oral, ligado ao Programa de extensão universitária Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, teve início a ação das rodas de memória (Figura 4), que foi desenvolvida contando com a participação de atadores compostos por moradores do bairro, que tinha como objetivo, fortalecer a identidade dos indivíduos pertencentes à comunidade, recuperando momentos importantes da trajetória pessoal e coletiva de integrantes do bairro.

Figura 4 – Roda de Memória realizada no MCLP/MFR



Fonte: Fraga, 2015

“A primeira Roda aconteceu com ex-jogadores de futebol do mais antigo clube do bairro, o Pinheirense Futebol Clube, e a segunda, com moradores que trabalham com ervas e benzeduras.” (MINUZZO, 2011, p. 86). Essa ação acontecia mensalmente realizada de forma sistemática e permanente, quando os atores sociais, selecionados de acordo com a temática proposta, dirigiam-se ao Museu e, reunidos, recordavam suas histórias de vida relacionadas à história do bairro. A dinâmica da atividade era composta por um moderador que, selecionado entre os bolsistas e orientado pelos professores coordenadores do programa, monitorava a reunião, contando com metodologia de filmagens e fotografias produzidas por uma equipe técnica da universidade e seu material (fotos, vídeos e relatos transcritos). Material que, posteriormente se utilizava nas exposições temporárias do Museu. De acordo com Minuzzo:

A pesquisa do Projeto de História Oral, realizada por meio de grupos focais com participantes da comunidade, enriqueceu o acervo do MCLP/MFR, possibilitando aumentar o conhecimento sobre a trajetória do bairro Lomba do Pinheiro, cooperando para aumentar o sentido de pertencimento e a autoestima da comunidade na busca de soluções coletivas e individuais. (MINUZZO, 2011, p.98).

Dessas rodas de memória derivou a exposição *Rezas e Benzeduras: patrimônio imaterial da comunidade do bairro Lomba do Pinheiro*, a qual resultou do material

recolhido nas rodas de memória com algumas moradoras do bairro que mantêm viva essas práticas tradicionais de reza e cura

3.3.2 *Museu de Rua*

O bairro Lomba do Pinheiro situa-se em uma região da cidade de Porto Alegre, caracterizada por grandes extensões de campos e morros, divididos entre famílias que, até meados do século XX, cultivavam hortifrutigranjeiros e/ou criavam animais, produção essa que era comercializada na própria região e também tinha como destino o centro de Porto Alegre, para onde era levada por estradas de terra, em carroças e carretas de boi. A característica rural do bairro permaneceu, quase sem alteração até a década de 1950.

A partir de então, se iniciou um intenso processo migratório, devido ao êxodo rural, e, também ao deslocamento de famílias vindas de áreas centrais da cidade. No entanto, esse processo ocorreu de forma desordenada e sem o devido planejamento, tendo como resultado o surgimento de muitos loteamentos realizados de forma irregular, sem infra estrutura básica, como rede de água e esgoto, energia elétrica, acesso à saúde, escolas, calçamento e transporte (MINUZZO, 2011).

Tendo em vista se tratar de um território periférico, com uma grande concentração de população de baixo nível socioeconômico, desde o início de sua ocupação, o território e seus habitantes são tratados com menosprezo pelo poder público, que dispensa poucos recursos para aquela área da cidade, por esse motivo, em sua história, a Lomba do Pinheiro sempre contou com a iniciativa popular, através da união dos próprios moradores, que se articulam, com o objetivo de resolver problemas estruturais na busca de soluções para suas demandas. Nas palavras de Minuzzo (2011):

[...] o ativismo político no bairro não é nenhuma novidade, todavia é uma característica histórica, iniciada ainda na época da criação da primeira associação de moradores, em 1957. As associações de moradores de meados do século XX reuniam em torno de si as lideranças do bairro para reivindicar, diante do poder público, as necessidades mais urgentes. [...] As ações tinham a intenção de obter melhores condições de vida para o bairro, como o asfalto, o prolongamento das redes de energia elétrica, de água e esgoto, calçamento, escolas, linhas de ônibus com mais quantidade de horários, passagem de máquinas para nivelar as estradas de terra. Na década de 1970 as lutas das associações buscavam ampliar os benefícios antes conquistados, ou seja, que

os mesmos atingissem os pontos mais isolados da Lomba: às vilas que se multiplicavam e careciam das mesmas necessidades básicas. (MINUZZO, 2011, p.99)

Durante muitos anos, as associações de moradores, cumpriram o importante papel de cobrar do poder público municipal a implantação e manutenção de serviços sociais básicos como abertura e manutenção de vias urbanas, criação de linhas de transporte coletivo que contemplasse as demandas da população das vilas, instalação de rede elétrica residencial, construção de redes de água e esgoto, escolha de locais para construção de postos de saúde. Enfim, todo um processo de construção de estrutura, necessária e essencial para melhorar a vida da população do bairro, contado, através de imagens, acompanhado por textos, nos painéis do acervo dos Museus de Rua, como se verifica na Figura 5.

Figura 5 – Museu de Rua no bairro Lomba do Pinheiro



Fonte: MUSEU DE RUA, 2010

O Programa de extensão, através do projeto Museus de Rua, fez um trabalho de pesquisa da história de cada uma das vilas da comunidade e, a partir daí, identifica diversos pontos de memória, por onde circulam pessoas e os transforma em museus, utilizando o espaço aberto, para realizar exposições compostas por objetos simples,

reaproveitados e reciclados na construção de uma narrativa que tem como objetivo fortalecer os laços dos indivíduos com o espaço de coexistência.

Sobre os museus de rua, Claudia Feijó comenta que:

Começamos a pensar que só aquele espaço, dentro do museu, a “casinha” onde tinha um acervo, e principalmente, um acervo da família Remião não era um acervo tão ligado ao bairro, e, por isso, precisávamos expandir, pois não podíamos trabalhar com museologia social e ficar confinados somente dentro de um espaço de um prédio, mas precisava expandir para as demais comunidades, ainda mais pensando no tamanho do bairro que é um bairro muito grande, já naquela época, e mais ainda hoje. Eu não faço ideia de quantos mil habitantes tem atualmente, mas na época era em torno de 65 mil habitantes, subdividido em 33 vilas. (FEIJÓ, 2023, Informação oral).

As vilas do bairro, na grande maioria, têm associações comunitárias, compostas por integrantes da comunidade e que, muitas vezes, eram convidadas a irem até o Museu, para fazerem visitas e contribuir com ideias e sugestões, que despertavam nas pessoas responsáveis pelo Museu, a necessidade de encontrar alguma forma de retribuir àquela gente, a contribuição que elas prestavam à instituição. Seria uma busca para pôr em prática o papel e a função do museu comunitário, através de um retorno a ser dado à sua comunidade.

Surge, então, a ideia de descentralizar o Museu e a intenção de expandir o museu, e trabalhar dentro do conceito de território

Aí nós começamos a pensar em ações e a gente começou a trabalhar pesquisa da história de cada uma dessas vilas, e a partir da pesquisa da história de cada uma das vilas da comunidade, pensamos em como podemos devolver essa pesquisa para essas comunidades? (FEIJÓ, 2023, Informação oral).

Assim, foi se constituindo o projeto dos museus de rua, como um que abriga diversos pontos de memória em um itinerário por onde passam as pessoas do bairro, ao saírem ou voltarem para casa, sem precisar entrar em um lugar para poder ver, conhecer e se reconhecer. Mas, ter o sentimento de estar na rua e identificar-se com o território. Nesse ponto, a necessidade era encontrar elementos para comunicar, simbolizar e informar as pessoas, então se pensou em totens, em banners, em coisas que pudessem representar a história que se tinha, através da “voz” da comunidade, pesquisado. Esse seria o papel e a função do Museu, dar o retorno, então os museus

de rua foram pensados com esse objetivo e, conforme Cláudia Feijó (2023), o mais reconhecido,

[...] que teve um sucesso muito grande, e que tem bastante produção sobre ele, artigos e outras publicações, foi o da Parada 15, que era o antigo Mangue Seco e hoje se chama Recreio da Divisa, aquele foi o que a comunidade mais se envolveu e também ele ficava, dentro da associação comunitária, na passagem da associação comunitária.(FEIJÓ, 2023, Informação oral).

Outro aspecto sobre os museus de rua está relacionado aos objetos expostos. Para essas exposições de rua, os itens do acervo não podiam ser de materiais que fossem caros que depois a comunidade tivesse que dispensar uma verba do próprio bolso para poder continuar produzindo e aí pensou-se em o que criar, como criar? E a ideia foi usar, principalmente, materiais reciclados: portas internas, de casa, semi-ocas, onde se fazia todo um trabalho de pintura, colagens, layouts que eram criados em oficinas específicas (abordaremos no próximo item) para essa finalidade, e que contava com pessoas da comunidade local que escolhiam o que gostavam para confeccionar os banners artesanais, onde era representada a história daquela comunidade que ficavam expostas ao público para as pessoas que por ali passassem se reconhecessem nelas.

3.3.3 Oficinas de Educação para o Patrimônio

Como espaço de conhecimento, o museu conta com recursos pedagógicos que o habilitam a cumprir seu papel de agente educativo coma missão de difundir o conhecimento entre seu público. No contexto do MCLP, as ações educativas são parte integrante dos processos comunicacionais e educativos que evidenciam através de seus procedimentos as formas interpretativas no que tange às referências culturais e indicadores da memória, coleções e acervos.

O patrimônio cultural é o referencial no processo de extensão universitária, além de ser o suporte para que a ação educativa se operacionalize. O conjunto do patrimônio cultural inclui instituições, entre as quais estão o museu e a escola, que, por sua vez, abastecem-se nos diferentes patrimônios culturais, representados pelo conhecimento produzido e acumulado ao longo do tempo, ou seja, na tradição, que também é um

processo de construção e reconstrução. (SANTOS, 2009a, *apud*, FRAGA, CARDOSO, 2015).

Logo, a educação apóia-se na construção e reconstrução do patrimônio cultural, e o processo museológico integra-se ao educativo, de modo entranhado, complexo e indissolúvel. (FRAGA, CARDOSO, 2015, p. 265).

3.3.4 Rota turística comunitária–Lombatur

Entre as ações educativas culturais realizadas no âmbito do Programa de extensão, o turismo comunitário foi instituído, por iniciativa dos alunos da Museologia, com o Projeto Lombatur (Figura 6), trajeto turístico comunitário com rota determinada.

Para Faria (2016, p. 107), trata-se de um projeto iniciado a partir da constatação dos moradores do bairro em que se situa de que o Museu não se identificava com seu território. “Em um exercício prático e reflexivo, o desafio se tornou o de estimular os sujeitos a dialogarem sobre o espaço, as memórias compartilhadas, os silêncios, os desafios e esperanças, a partir do que o elegeram como patrimônio cultural.”

Figura 6 - Participantes do Lombatur visitam o bairro



Fonte: Dalla Zen , 2016.

Segundo Claudia Feijó, o Lombatur, “foi um projeto bem importante, bem denso” (FEIJÓ, 2023, Informação oral), e também foram desenvolvidas, as rodas de memória, e os museus de rua. Essas atividades revertiam em ações de educação para o patrimônio e, são consideradas, pela ex-diretora, experiências que alcançaram algum sucesso junto à comunidade.

O referido Projeto visitava vinte locais da região (ANEXO C) onde está localizado o bairro Lomba do Pinheiro, um dos mais populosos de Porto Alegre. Inventariados previamente, em uma votação entre as pessoas da comunidade, essa atividade consistia em um passeio turístico, mediado pelos alunos da universidade, cuja programação do percurso incluía pontos considerados pelos mesmos como lugares de interesse: o cemitério Jardim da Paz, a indústria de alta tecnologia CEITEC, o centro hípico, a pedreira Pedracom, as ruínas da Fazenda Boqueirão, a divisa do bairro com o Parque Saint-Hilaire, o mirante da Parada 15, o Instituto Popular de Arte e Educação e o próprio Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro. A atividade era realizada de forma gratuita, através de agendamento, e que tem seu principal público entre os alunos das escolas públicas do bairro.

Essa atividade tem por objetivo conscientizar os moradores para (re) conhecer e assimilar o patrimônio cultural do território, tornando-se, assim, uma ferramenta importante que pode vir a contribuir para a preservação, conservação e interpretação da cultura material e imaterial da comunidade do bairro. Se os moradores de uma determinada localidade identificam-se com seu lugar de residência, a partir do momento em que reconhecem a sua importância, tem-se a expectativa de que a afirmação da identidade e da memória da comunidade despertará em seus moradores o sentimento de pertencimento. Essa preocupação se torna ainda mais relevante devido ao fato de o bairro Lomba do Pinheiro ter sido um local de intensiva imigração, onde se instalaram milhares de famílias vindas de outras áreas da capital e do estado, e também de ser atualmente um “bairro dormitório, pois grande parcela da população adulta trabalha, ou seja, passa a maior parte do dia, no centro de Porto Alegre. (FRAGA; CARDOSO, 2015, p. 267).

Se dentre as principais metas do Programa, assim como as do próprio Museu, está o estabelecimento de uma relação de troca e de cooperação entre universidade, museu e comunidade, com o objetivo de aumentar a autoestima pessoal e coletiva fortalecendo o vínculo da comunidade com seu território é fundamental que essa relação se concretize numa ação realizada pelo Programa, representado pelo Projeto

Lombatur (Figura 7), que tem como meta aproximar o público de seu patrimônio material e imaterial.

Figura 7 – Participantes do Lombatur visitam o MCLP/MFR



Fonte: Dalla Zen, 2016

Ao perguntar para Cláudia Feijó, a respeito de instrumentos de avaliação, como balanço ou diagnóstico, se havia tais análises sobre os resultados obtidos a partir da execução dos projetos, durante o período em que foi diretora do Museu, ela responde que não havia nenhum tipo de avaliação sistematizada. Não havia um diagnóstico formal, sobre as ações que eram feitas, essa análise consta na monografia de David Minuzzo, na época aluno bolsista do Curso de Museologia, seu Trabalho de Conclusão de Curso traz considerações nesse sentido. Feijó destaca que o que se fazia era ouvir das pessoas, que participavam das atividades educativas implementadas, qual o sentimento delas, com relação às experiências que haviam experimentado. Relatos coletados, por exemplo, das rodas de memória, demonstram um envolvimento afetivo muito significativo, como foi o caso da ação patrimonial realizada com integrantes do Pinheirense Futebol Clube. Essa roda de memória reuniu e entrevistou pessoas de um tempo passado “veteranas”, que se consideravam vivendo o final de suas existências.

Muitas delas, inclusive, já tinham dificuldades, inclusive, de locomoção já não caminhavam muito bem, não tinham uma locomoção tão boa e quando a gente começou a fazer as entrevistas com esses senhores a auto estima deles

elevou-se, de tal maneira que a gente começou a receber relatos inclusive das famílias de que alguns tinham voltado a caminhar só pra poder ir ao museu, então outros que estavam com a saúde inclusive psicológica restabelecida, muito melhor, que só queriam falar daquelas memórias, tinham, até recuperado vitalidade. (FEIJÓ, 2023, Informação oral)

Esse fato, inclusive, é mencionado em algumas publicações referentes ao processo de existência do Programa de extensão, que cita a melhora na saúde das pessoas que participavam das rodas de memória. A partir dessa constatação pode-se fazer o balanço, informal, e aferir, a influência das experiências museais, para o bem estar físico e emocional, com a melhora da saúde, o aumento da auto-estima e do orgulho, do público participante nas rodas de memória, em se reconhecer como integrante da comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maneira como o museu expõe a si ou aos outros está relacionada aos contextos políticos e históricos. “No passado, as coleções eram constituídas para produzirem discursos sobre si quando referidas ao Estado Nacional, e discurso sobre o outro, quando procuram apresentar esses outros, construindo cenários produtores de conceitos.”(CÂNDIDO; RUOSO, 2015, p. 19).

A partir do movimento da Nova Museologia, às funções tradicionais de identificação, classificação e conservação do objeto, somaram-se outras formas de Museologia ativa, com interesse, em primeiro lugar, pelo desenvolvimento das populações, refletindo os princípios motores da sua evolução ao mesmo tempo em que as associa aos projetos do futuro. (BERTOTTO; PEREIRA, 2013).

Os museus passaram, então, a interagir com seus públicos de maneira mais complexa para poder dar conta dos interesses e contextos em que atuam. Por sua vez, seus projetos e ações passaram a contemplar os problemas e as contradições das minorias. Esse fenômeno possibilitou um terreno fértil para o surgimento da Nova Museologia que, desde a década de 1970, vem, de modo provocativo e dialético, insistindo no papel dos museus como espaço de desenvolvimento e mudança social, deixando de ser templo das musas para se tornarem fóruns da sociedade.

A partir daí, começou a formar-se um arcabouço conceitual voltado ao modelo de Sociomuseologia, que está permanentemente em construção, pois ele existe em um universo em constante transformação. Todavia, nesse processo dinâmico, conceitos e princípios são definidos e orientam práticas museográficas e museológicas relacionando-as a um “conjunto de valores tangíveis e intangíveis, isto é, o patrimônio em suas diferentes formas.” (CÂNDIDO; RUOSO, 2015, p.40).

O museu torna-se lugar de permanente integração, diálogo e troca de saberes entre as pessoas, com destaque particular aos museus comunitários, nos quais, a eficácia de suas ações é medida pela representatividade que consegue criar e manter junto à comunidade que representa. É isso que constitui a Museologia Social, que volta seu olhar à valorização do homem enquanto sujeito de sua própria vida, crítico e consciente de sua realidade.

Os projetos desenvolvidos na atuação do Programa de extensão das universidades são importantes instrumentos no que tange a aplicação de novos exemplos de métodos e técnicas capazes de instrumentalizar o processo museológico, a fim de alcançar seus objetivos no que concerne ao fortalecimento da identidade e valorização do território e seu patrimônio.

Dessa complexa sustentação teórica e metodológica, resultou um processo de desenvolvimento e mudança social, fruto de projetos patrimoniais que propiciaram e contribuíram para capacitar os sujeitos a transformarem sua realidade que são objeto de estudo deste trabalho.

O Programa de Extensão Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania que uniu a UFRGS ao MCLP teve atuação de profissionais formados e alunos da universidade, aptos a desempenhar as tarefas cotidianas básicas vinculadas às atividades de preservação, documentação, exposição, comunicação dos indicadores da memória, ação educativo-cultural e avaliação, e servem como suporte necessário ao encaminhamento adequado das ações e práticas museológicas ligadas à salvaguarda e comunicação dos indicadores da memória.

O contato com a Universidade chegou ao Museu por intermédio de sua ex-diretora, Cláudia Feijó da Silva Fraga e, a partir da ligação de Feijó com a Museologia Social, foi pensado conforme a realidade do Museu. O desenvolvimento desta parceria foi extremamente relevante e imprescindível, para a atuação do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro em conjunto com a universidade e a comunidade do bairro, e para o desenvolvimento social do território.

Sendo o museu, para além do institucional, também um conceito dinâmico, sua relação orgânica com o contexto social que lhe dá vida tem consolidado o reconhecimento da instituição como agente que, tornou-se um lugar permanente de comunicação e de troca de conhecimentos e saberes, por meio de ações educativas e patrimoniais, como recurso para o desenvolvimento sustentável e promotor de inclusão social e econômica, valorizando a comunidade e o território, situado num bairro periférico da capital do Rio Grande do Sul.

Compreendemos que o Programa de extensão, desenvolvido em parceria entre a instituição comunitária, e a Universidade, contemplou o seu objetivo, colaborando na construção de alternativas de inclusão e mudança social da comunidade que apresenta sérios problemas de exclusão, baixa autoestima e desvalia pessoal. Portanto, o Programa cumpriu o papel de ambas as instituições envolvidas enquanto instrumentos de conscientização dos direitos e deveres dos cidadãos propiciando o desenvolvimento social mútuo.

A iniciativa constituiu um percurso de integração entre o ensino, a extensão e a pesquisa, articulado, através do programa de extensão que atuou junto à comunidade como agente transformador. Na medida em que foi capaz de fazer transitar o “saber e o fazer” específico das ações museais no ambiente emanado de contribuições que levaram a um novo aprendizado, possibilitou as condições para rearticular e atualizar, constantemente, as práticas museológicas e de gestão encaminhadas durante as atividades realizadas no Museu.

Entendemos que, para haver resultados ambiciosos no que tange a atingir as metas propostas pelas instituições culturais, não basta mais a qualificação de museu dinâmico, se faz necessário torná-la prática e atuante no território, exercendo um trabalho em conjunto com a população, eventualmente com a participação da universidade dando apoio necessário, fomentando programas, projetos e ações pensados e executados a partir do debate dialógico, na troca de ideias, visando o comprometimento de todos os atores envolvidos, na busca por transformações e no desenvolvimento social.

Entretanto, é papel do estado, planejar, implantar e executar políticas públicas propiciando, assim, suporte institucional, jurídico e de recursos materiais, apoiando as iniciativas propostas pelas instituições educacionais, culturais e de memória na realização de práticas educativas e culturais. Sendo assim, compreende-se que, o museu, junto à universidade, através do Programa de extensão e à Museologia e todo seu arcabouço de estudos teóricos e práticos, contribuiu para o desenvolvimento multidisciplinar e social, que cumprindo um importante papel, atingiu os objetivos

traçados, de instigar a transformação da comunidade e da sociedade, tornando-as mais humanas, inclusivas e democráticas.

Encontrar instrumentos de transformação social, para mudar uma realidade socialmente desigual, naturalizada pela sociedade conformista é libertar-se das limitações impostas pela estrutura sistêmica que nos oprime. É romper com as normas ditadas pelo poder hegemônico. Ali residia a alternativa à continuidade de uma estrutura social, econômica e política dominante de exploração e injustiças. Residia, naquela experiência complexa e solidária, a ruptura com um modelo que já explicitou suas contradições, e não responde aos anseios, necessidades e urgências que a realidade do planeta e da sociedade impõe. O futuro depende do Museu e da Museologia.

Essa foi a constatação que tive, ao presenciar no Museu Lomba do Pinheiro, alternativas à postura condicionada que se apodera de todos num meio social hostil, para indivíduos que nada ou quase nada possuem e, que vislumbram na instituição a possibilidade de mudança em suas realidades, a partir da troca de saberes na relação com o museu e os membros da Universidade. Compreendo que o Programa de Extensão trouxe como um dos pontos positivos o reforço à questão comunitária, de inserção dos habitantes do entorno do Museu que não se daria sem o apoio da Universidade.

É preciso compreender, como as ideias associadas às condições socioeconômicas e culturais, que deram origem às demandas por museus mais participativos, voltados para a relação das populações, seus territórios e o patrimônio, provocaram a formação de um pensamento museológico e a muitas práticas museais brasileiras, que tem como marco de influência os debates promovidos na Mesa Redonda de Santiago no Chile, em 1972, a partir do surgimento da Nova Museologia.

Durante o período, específico, da parceria entre o Museu com a Universidade, as práticas museológicas eram pautadas a partir dos princípios da Museologia Social, que tem seu trabalho pautado sobre um território, sobre uma população e sobre os patrimônios locais.

Nesse sentido, as questões sociais precisam ser pautadas nos processos de patrimonialização. Os futuros museólogos têm que preparar-se para “um quadro que

realce a importância de pensarmos os patrimônios na sua complexidade, demonstrando a premência de compreender as questões sociais [...], que envolve tanto a produção de conhecimento como a gestão de políticas públicas.” (CÂNDIDO; RUOSO, 2015, p.19). A publicação de estudos e pesquisas é indispensável para o desenvolvimento e aprimoramento das instituições comprometidas com a difusão dos conhecimentos e com a formação de profissionais e cidadãos capazes de influir no aperfeiçoamento das políticas públicas, em qualquer área de atuação, e especialmente nas áreas em consolidação, como no caso da Museologia e do patrimônio.

O Programa de extensão universitária, junto ao MCLP/MFR, trata-se de uma experiência museológica original e inovadora, que, através do diálogo, engendrou ideias que deram origem a projetos e ações com o objetivo de tornar o Museu mais participativo e colaborativo ao voltar-se para a relação da população com a comunidade do território. “Trabalhar com antigas experiências ajuda a compreender os diferentes atores que fazem estes museus, considerando o possível engajamento das novas gerações”. (CÂNDIDO; RUOSO, 2015, p. 19).

Creio que o Projeto de Extensão Universitária do Curso de Museologia da UFRGS, baseado em preceitos da Museologia Social, alcançou o objetivo de conscientizar a população da importância da valorização do território. Os projetos e as ações desenvolvidas pelo Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro, contribuíram para seu desenvolvimento e dos agentes envolvidos no processo. Portanto, o Programa de Extensão Universitária Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, no meu entender, contribui para transformar as atitudes passivas em vozes ativas, conscientes e contestadoras perante uma realidade desigual, que mantém em desvantagem e num patamar abaixo, grande parcela da população de moradores da Lomba do Pinheiro, um bairro periférico da cidade de Porto Alegre.

Visando ampliar as fontes para a confecção do trabalho e o entendimento sobre o Programa de extensão que envolveu a Universidade e o Museu, foi utilizada a história oral, por meio de entrevista. Na busca por gestores e profissionais que estavam envolvidos no projeto, a fim de serem entrevistados, observamos que dentre os indivíduos que constituíam a equipe de trabalho envolvida na experiência museal, alguns agentes da universidade, aposentaram-se; outros encontram-se em locais

distantes, muitos deles seguem carreira profissional, atuando em funções ligadas à área da Museologia. O Museu, por sua vez, esteve fechado por mais de dois anos, em decorrência do isolamento social, imposto pela pandemia de COVID-19. Então, surgiu a ideia de convidar a ex-diretora do Museu, Cláudia Feijó da Silva Fraga, que atua na área da educação e, reside em Porto Alegre, para relatar sobre a experiência museológica a partir de sua percepção individual

A curricularização da extensão, que está em discussão para futura implantação pela Universidade, também, é importante instrumento na retomada das ações museológicas, junto ao MCLP/MFR. Será oportuno e de grande valia tanto para a Universidade, através da atuação dos integrantes do Curso de Museologia da FABICO, quanto para o Museu e sua comunidade trazendo a possibilidade de nova roupagem às ações realizadas anteriormente, durante o período entre 2008/2018, de ações inovadoras e que possibilitem a prática de experiências museológicas, respaldadas pelo arcabouço conceitual, teórico e metodológico da Sociomuseologia. Uma oportunidade no presente que anseia por mudanças na postura política e que contribuam com a corrente que propõe uma sociedade mais tolerante, inclusiva, solidária e com justiça social.

Entretanto, assim como na experiência passada, onde a iniciativa partiu da ex-diretora do MCLP/MFR, Cláudia Feijó, a discussão precisa partir do próprio Museu Comunitário, pois cabe a ele buscar alternativas a fim de cumprir com sua função social, por intermédio da sua produção científica de suas formas de intervenção comunicacional, educacional, interagindo extramuros através das perspectivas do trabalho comunitário.

Antes mesmo de ser sede do MCLP/MFR, a edificação era um espaço de convivência social, estabelecimento comercial pertencente a João de Oliveira Remião. Também era local de reuniões onde discutia-se assuntos de interesse das comunidades das vilas e onde, provavelmente, surgiu a ideia de criar a primeira associação de moradores, onde as questões relacionadas às necessidades da população e do território eram temas de discussão. Portanto, a história do espaço, onde está localizado o museu, revela sua vocação social que deve ser retomada para que, ali, possam ser encaminhadas as proposições relacionadas às questões pertinentes ao

patrimônio constituído pela população como objeto de estudo que vise contribuir na construção da condição cidadã, para trilhar o caminho da autonomia de gestão e autodeterminação dos rumos e avanços sociais da comunidade.

Compreendemos que foram alcançados os objetivos indicados na presente proposição. Quanto à análise do processo de aproximação do Museu Comunitário Lomba do Pinheiro com o curso de Museologia da UFRGS, através da execução do Programa de Extensão Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania. Tal objetivo foi extensamente abordado em argumentos que vieram a comprovar a eficácia da iniciativa institucional que visa fortalecer o sentimento de pertencimento da população ao seu território, ao dimensionar sua importância como lugar de memória e espaço de convivência social a ser valorizado. Procurou-se, além disso, descrever como se deu a aproximação do curso de Museologia com o Museu Comunitário Lomba do Pinheiro; Identificar e apresentar as atividades museais realizadas, por ambas as instituições, junto à comunidade ao longo dos anos da duração do programa, identificando a aplicação do arcabouço teórico e metodológico característico da Museologia Social nas ações realizadas e nos discursos dos gestores e educadores no que tange às suas práticas de mediação e participação nos projetos e ações implementadas ao longo do processo de caráter interdisciplinar característico da Museologia Social.

Todavia, é importante frisar que a presente pesquisa, também tem como referência a atuação da Universidade, através do Programa de extensão universitária, nas discussões e nas práticas sociais desenvolvidas no campo museal. À extensão universitária, cabe o diálogo com as demais instituições da sociedade, entre elas o museu, seu patrimônio. Porém, a discussão não se encerra aqui, ela tem prosseguimento, pois a formação do arcabouço conceitual que orienta práticas museológicas do modelo da Museologia Social, que tem por objetivo compreender a relação do homem, com o patrimônio, em suas diferentes formas em um determinado espaço tempo, está em permanente construção e atua em um universo em constante transformação e, nesse contexto é preciso estar sempre atento, para acompanhar as mudanças sociais e assumir a postura proativa no enfrentamento às diversas e singulares situações.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 2.Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BERTOTTO, Márcia Regina. **Análise das políticas públicas para museus no Rio Grande do Sul**: um estudo de sua eficácia no desenvolvimento das instituições museológicas gaúchas. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais, Organização e Sociedade) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BERTOTTO, Márcia Regina; PEREIRA, Walmir. (org.)**SALÃO CIENTÍFICO CULTURAL, PATRIMÔNIO CULTURAL E MUSEUS**, 1., 2013, Porto Alegre. Porto Alegre: Museu da UFRGS,2013. (série Patrimônio cultural: memória, coleção e conservação, v. 1)

BRASIL. MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano Nacional de Cultura. Diretrizes gerais. 2. ed. Brasília: CNPC, 2008. Disponível em: <http://pnc.cultura.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/Plano-Nacional-de-Cultura-Diretrizes.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2023.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A museologia como uma pedagogia para o patrimônio. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n. 31, p. 87-97, jan./jun. 2002.

CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; RUOSO, Carolina (org.). **Museus e patrimônio**: experiências e devires. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2015.

CHAGAS, Mário. Cultura, Patrimônio e Memória. **Ciências & Letras**, Porto Alegre, n.31, p. 15-29, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://mariochagas.com/wp-content/uploads/2020/05/36culturapatrimonio.pdf> Acesso em: 22 mar. 2023.

CHAGAS, Mario de Souza. Diabruras do Saci: memória, educação e patrimônio. **Musas: Revista brasileira de museus e museologia**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 135-146,2004.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural. Cultura e Imaginário**. São Paulo: Iluminuras. 1997.

CURY, Marília Xavier. Museologia e conhecimento, conhecimento museológico: uma perspectiva dentre muitas. **Museologia & Interdisciplinaridade**. Brasília, n. 5, p. 55-73, maio/junho, 2014.

DALLA ZEN, Ana Maria (org.). **Aulas de Museu**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2016.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. Um itinerário de turismo que nos provoca, inspira e modifica. *In*: DALLA ZEN, Ana Maria (org.). **Aulas de Museu**. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2016. p.107-123.

FÓRUM Nacional de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX). Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

FRAGA, Hilda Jaqueline de et al. **Experimentações em lugares de memória**: ações educativas e patrimônios. Porto Alegre: Selbach & autores associados, 2015.

GOMES, Carla Renata. O pensamento de Waldisa Rússio sobre a Museologia. **Informação & Sociedade**: estudos, João Pessoa, v.25, n.3, p. 21-35, set./dez. 2015

MINUZZO, Davi Kura. **Memória, Informação e Cidadania**: vozes, olhares e expectativas de seus agentes e atores sociais. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

MOUTINHO, Mário C. Definição evolutiva de Sociomuseologia: proposta de reflexão. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, v. 27, n. 41, p. 423-427, 2014. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2617/1516>. Acesso em: 08 fev. 2023.

MUSEU Comunitário Lomba do Pinheiro. *In*: IPDAE [página institucional]. Porto Alegre, 2023. Disponível em: <http://www.ipdae.com.br/index.php/i/museu-comunitario-9>. Acesso em: 19 mar. 2023.

ONU BRASIL. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Brasília: Nações Unidas Brasil, 2023. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/66851-os-objetivos-de-desenvolvimento-do-mil%C3%AAnio>. Acesso em: 05 mar. 2023.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto**: o museu no ensino de História. Chapecó. Argos, 2004.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Gestão Cultural**. Salvador. EDFBA, 2019.

SANTOS, Suzi da Silva. **Ecomuseus e museus comunitários no Brasil**: estudo exploratório de possibilidades museológicas. Dissertação (Mestrado) – Museu de Arqueologia e Etnografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VARGAS, Márcia Isabel Teixeira de. Museu de Rua: uma ação cultural e educativa para o bairro da Lomba do Pinheiro. *In*: SALÃO DE EXTENSÃO, 11., 2010, Porto Alegre. [Foto do trabalho]. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/168110>. Acesso em 18 fev 2023.

VARINE, Hugues de. Os museus locais do futuro: reflexões. *In*: CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte; RUOSO, Carolina (org.). **Museus e patrimônio**: experiências e devires. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: 2015. p. 39-45.

WILD, Bianca de Moura. Os ecomuseus e os museus comunitários e os desafios da acessibilidade e da inclusão. **Museologia & Interdisciplinaridade**, Brasília, v. 6, n. 12, p. 180-191. jul./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/download/16357/14645/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

APÊNDICE A– ROTEIRO DE ENTREVISTA

Porto Alegre, 11 de março de 2023. Entrevista com Cláudia Feijó da Silva Fraga, a cargo do pesquisador Jefferson Magueta Trevisan, aluno do Curso de Museologia da UFRGS, para a produção de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC): **A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A MUSEOLOGIA SOCIAL – Estudo de Caso sobre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro.**

Agradeço a gentileza da ex-diretora do MCLP/MFR em aceitar o convite para esta entrevista, pois ela é uma pessoa que esteve envolvida diretamente nos projetos e ações educativo culturais, desenvolvidas durante o período da vigência do Programa de extensão universitária: Museu Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania, tema de Trabalho de Conclusão de Curso da Museologia.

1. Poderia nos contar um pouco como iniciou sua trajetória como diretora do Museu Comunitário Lomba do Pinheiro e qual o período de sua permanência nessa função?
2. Poderia nos relatar sobre sua experiência, durante o Programa de extensão Museu Comunitário Lomba do Pinheiro: Memória, Informação e Cidadania?
3. Você identifica mudanças, no contexto das condições sócio-históricas do bairro, a partir do trabalho realizado pela parceria do museu com a universidade?
4. Como era feito o balanço (diagnóstico), das ações museais implementadas pelo Museu naquele período?
5. Qual sua percepção e análise, sobre a aplicação da Museologia Social, na perspectiva da experiência museológica promovida no Museu?
6. Nas definições das atividades no âmbito dos projetos e ações patrimoniais, era utilizado, o referencial conceitual, teórico e metodológico advindos da museologia social?

ANEXO A – FORMULÁRIO PARA AUTORIZAÇÃO DE USO DOS DADOS DA ENTREVISTA


**UFRGS
FABICO**
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
GERÊNCIA ADMINISTRATIVA
SETOR ACADÊMICO

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC
AUTORIZAÇÃO DE UTILIZAÇÃO DE INFORMAÇÕES**

Nome completo do(a) entrevistado(a): Cláudia Feijó DA SILVA FRAGA
Documento de identidade: 1079419246

Autorizo o(a) estudante Jefferson Magueta Trevisan, regularmente matriculado no Curso de Bacharelado em Museologia da Faculdade de Biblioteconomia de Comunicação/UFRGS, sob o número (cartão UFRGS) 00264503, a utilizar as informações por mim prestadas na elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado:

A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A MUSEOLOGIA SOCIAL – Estudo de Caso sobre o Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro e elaborado sob a orientação do(a) Prof.(a) Dr^a. Márcia Regina Bertotto.

Fui esclarecido(a) sobre a natureza do trabalho e que as informações coletadas serão utilizadas com fins exclusivamente acadêmicos.

Porto Alegre, 11 de março de 2023.


Assinatura do entrevistado

ANEXO B – RELATÓRIO AÇÃO DE EXTENSÃO

16/02/2023 20:09 Relatório Ação de Extensão



UFRGS
PROEXT

Relatório Ação de Extensão

Nome: ERACLITO PEREIRA **Cartão UFRGS:** 250182

Departamento/Unidade: Departamento de Ciências da Informação / Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Categoria Funcional: PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR

Título: [33405] - PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA 2017
Tipo: PROGRAMA
Modalidade: AÇÃO SOCIAL E COMUNITÁRIA
Órgão gestão institucional: Departamento de Ciências da Informação
Área CNPq:
Área Temática: CULTURA
Linha de Extensão: Patrimônio Cultural, Histórico e Natural
Linha Programática: --X--
Área Temática Secund.: CULTURA
Linha de Extensão secund.: --X--
Linha Programática Secund.: --X--
Carga Horária Total: 400h
Reoferecido de: [30440] - PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA 2016

Projetos Vinculados	
34905 - PROGRAMA LOMBA DO PINHEIRO MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CIDADANIA 2017	
Modalidade: TERTÚLIA	
Nível: AÇÃO	
Coordenador: ERACLITO PEREIRA	

Resumo	
Programa de caráter permanente que integra o curso de Museologia da UFRGS às ações do Museu da Lomba do Pinheiro para realização de atividades de educação patrimonial voltadas à inclusão social, cultural e econômica da comunidade, iniciado em 2008.	

Descritores	
Palavra-Chave 1:	Museologia Social
Palavra-Chave 2:	Patrimônio Cultural
Palavra-Chave 3:	Educação Patrimonial
Palavra-Chave 4:	Inclusão Social
Palavra-Chave 5:	Memória e Inclusão

Objetivo geral	
Incentivar o aumento da auto-estima da comunidade do Bairro Lomba do Pinheiro através da construção coletiva de estratégias de educação para o trabalho, que contribuam para reduzir os índices de exclusão através da educação para o patrimônio.	

Objetivo específico	
Integrar os alunos do curso de Museologia e o Museu da Lomba do Pinheiro num programa de extensão universitária voltado ao desenvolvimento social da comunidade; Promover ações socioeducativas que contribuam para a redução dos índices de exclusão social da comunidade, ampliando os processos de comunicação entre o Museu da Lomba do Pinheiro e a comunidade que o representa; Criar ações acadêmicas que integrem as dimensões de ensino, pesquisa e extensão na busca do desenvolvimento social de periferias urbanas, a partir da integração aos objetivos do Museu Comunitário da Lomba do Pinheiro.	

Público alvo	
Comunidade da Lomba do Pinheiro, Acadêmicos da UFRGS, Alunos do Ensino Público.	

Relevância	
Este projeto que alcança sua 10ª edição, se constitui enquanto um programa de extensão universitária planejado como estratégia de inserção acadêmica do curso de Museologia da UFRGS no desenvolvimento e mudança social da comunidade do bairro da Lomba do Pinheiro, a partir de ações propostas pelo Museu da Lomba do Pinheiro voltadas à melhoria da qualidade de vida da população local, realizadas desde 2009. Trata-se do amadurecimento obtido nos cinco primeiros anos de existência do Programa, cujas ações resultaram da construção coletiva: o oficina Lombatur, de	

<https://www1.ufrgs.br/Extensao/extensaoPHP/Relatorio.php?codacao=33405&proposta=true>
1/4

16/02/2023 20:09

Relatório Ação de Extensão

turismo comunitário local, a realização de oficinas de educação para o patrimônio, e exposições de memória. A relevância pode ser aferida pelos números de pessoas atingidas anualmente: mais de 20 disciplinas na UFRGS, professores de escolas públicas, professores da UFRGS; Educação para o patrimônio: cerca de 200 alunos das escolas locais; Lombatur: aproximadamente 1000 pessoas.

Desenvolvimento/Programação

a) Realização de reuniões de planejamento com membros da equipe e representantes da comunidade; b) Prosseguimento e ampliação das rotas de turismo no bairro, Oficina Lombatur, com viagens mensais abertas à comunidade do bairro e outros interessados. c) Ampliação das oficinas de educação para o patrimônio da Lomba do Pinheiro, integradas ao currículo das escolas locais; d) Montagem de exposições temáticas de caráter itinerante; e) Divulgação das ações de extensão e seus resultados em eventos nacionais e internacionais.

Procedimentos

Tipo: Planejamento
Título ou Identificação: Planejamento
Data: 27/03/2017 até 02/04/2017
C.H. Prevista: 50 h
C.H. Executada: 50 h
Local: LAPEM - FABICO

Tipo: Realização
Título ou Identificação: Execução
Data: 03/04/2017 até 31/12/2017
C.H. Prevista: 300 h
C.H. Executada: 300 h
Local: Museu Comunitário e Bairro da Lomba do Pinheiro

Tipo: Relatórios - Elaboração
Título ou Identificação: Relatório e divulgação dos resultados
Data: 01/08/2017 até 31/12/2017
C.H. Prevista: 50 h
C.H. Executada: 50 h
Local: Museu Comunitário e LAPEM/FABICO

Procedimentos Curricularizáveis**Equipe de Trabalho**

ERACLITO PEREIRA
Lattes: 6885347338042001

Vínculo: Docente Exercício: Departamento de Ciências da Informação
 Coordenador(a) Geral Não remunerado

Outras participações

Vínculo: Docente Exercício:
 Integrante da Comissão Coordenadora Não remunerado
 Carga horária prevista: Carga horária exec.:140

Participação nos procedimentos

27/03/2017 a 02/04/2017 - Planejamento Carga horária prevista: Carga horária exec.:30
 03/04/2017 a 31/12/2017 - Execução Carga horária prevista: Carga horária exec.:60
 01/08/2017 a 31/12/2017 - Relatório e divulgação dos resultados Carga horária prevista: Carga horária exec.:50

Vínculo: Docente Exercício:
 Orientador(a) de Bolsista(s) Extensão Não remunerado
 Carga horária prevista: 10 Carga horária exec.:10
 Sem participação nos procedimentos

ELIAS PALMINOR MACHADO
Lattes: 4092338988981516

Vínculo: Técnico-Administrativo Exercício: Gerência Administrativa da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
 Integrante da Comissão Coordenadora Não remunerado
 Carga horária prevista: 50 Carga horária exec.:50

Participação nos procedimentos

27/03/2017 a 02/04/2017 - Planejamento Carga horária prevista: 10 Carga horária exec.:10
 03/04/2017 a 31/12/2017 - Execução Carga horária prevista: 20 Carga horária exec.:20
 01/08/2017 a 31/12/2017 - Relatório e divulgação dos resultados Carga horária prevista: 20 Carga horária exec.:20

16/02/2023 20:09

Relatório Ação de Extensão

MAILA MORAIS MATTOS Lattes: 2732350976039310	
Vínculo: Aluno de graduação (MUSEOLOGIA)	Exercício:
Bolsista de Extensão/PROEXT	Não remunerado
Período da participação: 31/05/2017 a 31/12/2017	
MANUELA GARCIA MORAES Lattes: 6618964478721414	
Vínculo: Aluno de graduação (MUSEOLOGIA)	Exercício:
Apoio Administrativo com contato aluno/público	Não remunerado
Carga horária prevista:	Carga horária exec.:400
Participação nos procedimentos	
27/03/2017 a 02/04/2017 - Planejamento	Carga horária prevista: Carga horária exec.:50
03/04/2017 a 31/12/2017 - Execução	Carga horária prevista: Carga horária exec.:300
01/08/2017 a 31/12/2017 - Relatório e divulgação dos resultados	Carga horária prevista: Carga horária exec.:50
THAIS BENDER CARDOSO Lattes: 4920408388136435	
Vínculo: Aluno de graduação (MUSEOLOGIA)	Exercício:
Bolsista de Extensão/PROEXT	Não remunerado
Período da participação: 17/05/2017 a 31/12/2017	
Bolsas	

Nome: THAIS BENDER CARDOSO
Tipo bolsa: Bolsista de Extensão/PROEXT
Período da bolsa: 17/05/2017 a 31/12/2017

Nome: MAILA MORAIS MATTOS
Tipo bolsa: Bolsista de Extensão/PROEXT
Período da bolsa: 31/05/2017 a 31/12/2017

Participantes	Número de participantes cadastrados: 0
---------------	--

Parceiros Externos
Nenhum Órgão Cadastrado!!

Previsão de Receitas

Denominação : Taxas de Inscrição
Valor Executado :R\$ 16,00
Observação : Valor dos certificados custeados por cada participante

Denominação : Outros Recursos
Valor Executado :R\$ 16,00
Observação : Taxa de certificados para equipe executora. Taxa de certificados

Valor Total Executado: R\$ 32,00

Previsão de Despesas

Denominação : Taxa de Certificado para equipe executora
Valor Executado :R\$ 16,00

Valor Total Executado: R\$ 16

Administração Financeira

Valor Receita Executado : 32,00 Reais
Valor Despesa Executado : 16,00 Reais
Saldo : 16,00 Reais
Orgão : Departamento de Ciências da Informação
Tipo : UNIDADE/ÓRGÃO
Destinação do Saldo : Conta Única da UFRGS / Unidade
Classificação Financeira : Sem movimentação financeira

Previsão de Receitas PROEXT
Nenhum Item cadastrado!!

Previsão de Despesas PROEXT
Nenhuma Despesa cadastrada !!

Avaliação Final
Foram realizadas reuniões de planejamento com membros da equipe e representantes da comunidade; O prosseguimento e ampliação das rotas de turismo no bairro, Oficina Lombatur, com viagens mensais abertas à comunidade do bairro e outros interessados não pode ser realizado devido a redução de gastos e corte de verbas no Ministério da Educação. Com a ausência de verbas para a realização da Oficina Lombatur foi ampliado a realização das oficinas de educação para o patrimônio da Lomba do Pinheiro, integradas ao currículo das escolas locais e mantidas as divulgações das ações de extensão e seus resultados em eventos nacionais e internacionais.

Súmula
Indicadores para avaliação dos futuros resultados
A avaliação dos futuros resultados será aferida através da análise qualitativa da participação da comunidade nos eventos; pelo registro estatístico do público atingido pelas exposições e oficinas e pelo número de pessoas envolvidas pelo programa Lombatur. Os resultados serão divulgados em eventos científicos e através da publicação de artigos em periódicos acadêmicos.

Comentários
ERACLITO PEREIRA :

Impresso em 16/02/2023 às 20:08

ANEXO C – MAPA DO PATRIMÔNIO INVENTARIADO E ITINERÁRIOS CULTURAIS

